



Relatos Docentes

reflexões sobre a
construção da identidade
profissional do professor

Cenpec

Conselho de Administração

Presidente

Anna Helena Altenfelder

Conselheiros(as)

Alexsandro Santos

Cleuza Repulho

Edilza Correia Sotero

Eduardo Dias de Souza Ferreira

Isa Maria Ferreira da Rosa Guará

Maria Alice Setubal

Thiago Thobias

Kim Machlup

Diretoria de Pesquisa e Avaliação

Diretor

Romualdo Portela de Oliveira

Coordenadora

Solange Feitoza Reis

Pesquisadora

Pâmela Félix Freitas

Organizadoras

Adriana Stella Pierini

Heloísa Martins Proença

Pâmela Félix Freitas

Solange Feitoza Reis

Assessoria

Yasmin Proença

Revisão

Patrizia Zagni

Diagramação e Arte

Guilherme Caneschi

Instituto Alcoa

Conselho de Administração

Presidente

Otavio Carvalheira

Membros

Fabio Abdala

Fábio Martins

Genesis Costa

Helder Teixeira

Michelle Shayo

Rosa M. G. Piñeiro

Diretoria e Equipe do Instituto Alcoa

Presidente

Fausto Cruz

Diretor-tesoureiro

Carlos Eduardo Cantos

Diretora Executiva

Tatiana Bizzi

Gerente de Projetos

Monica Renata Espadaro

Equipe Líder de Relações

Comunitárias

Bárbara Espínola de Almeda

Joana Burgos

Maria Cristina Gonçalves

Sumário

INTRODUÇÃO	06
APRESENTAÇÃO	11
Seção 1	17
Leitura e escrita: experiências na profissão e na vida	
Seção 2	37
Relação entre processos formativos e atuação profissional	
Mosaico de Fotos	66
Seção 3	67
Aprendizados, desafios e reflexões promovidos pela formação: compartilhando registros	
Seção 4	85
Experiências com os estudantes: um universo de possibilidades	
Seção 5	96
Desafios para a Educação na pandemia	
Mural de Relatos	107
POSFÁCIO	108
AGRADECIMENTOS	119

NOTA

Em virtude de a maioria dos relatos desta publicação ter sido produzida por mulheres, o uso exclusivo do gênero feminino não tem intenção discriminatória.

Introdução

*Pâmela Félix Freitas
Solange Feitoza Reis*

Sonhar, projetar e construir equidade e qualidade educacional para crianças, adolescentes e jovens. Acreditar na potência dos encontros perenes que deixam um legado, em jornadas que se unem e criam conexões entre pessoas, organizações, transformando sonhos, comunidades e realidades.

Estes são os propósitos do Cenpec e do Instituto Alcoa, que se unem na formulação do Programa Ecoa Formação, tendo como objetivo estratégico evidenciar e incidir sobre as desigualdades educacionais, por meio de ações pautadas nos resultados educacionais e em políticas públicas comprometidas com o alcance de patamares superiores de qualidade, de acesso, de permanência e de aprendizagem nas trajetórias dos estudantes das redes públicas municipais de Juruti (PA), Poços de Caldas (MG) e São Luís (MA).



O Programa é alicerçado em quatro eixos: formação continuada, assessoria técnica, produção e disseminação do conhecimento e criação de tecnologias educacionais. Esta publicação materializa a convergência de ações desenvolvidas no âmbito dos eixos de formação e da produção do conhecimento.

Subjacente ao trabalho de formação desenvolvido está o conceito de circularidade do conhecimento ou do saber, sugerido por Jean Louis Martinand, e não apenas sobre sua circulação, como é comum se ver quando se trata da transmissão ou da transferência de conhecimento.

Este conceito nos apoia para pensar o movimento de articulação sistemática entre o conhecimento teórico e o conhecimento tácito, advindo da prática educativa – sem que se pense, por exemplo, num polo superior que emana para outro – por meio do trabalho de investigação, de autorreflexão e de reflexão coletiva dos professores sobre as práticas docentes. Assim, é preciso reconhecer o trabalho e a produção dos docentes, como parte do capital de conhecimento construído na área da educação, pois essa acepção nos ajuda a compreender o papel da pesquisa para a atuação docente e para o seu desenvolvimento profissional, em que pese a carência de condições objetivas para o seu desenvolvimento.

Consoante a essa premissa, as ações de formação foram desenvolvidas adotando metodologias combinadas, que visaram o exercício sistemático da reflexão, para problematizar as escolhas e as práticas docentes. Para tanto, a *homologia de processos* reconhece que a autoria de cada sujeito da formação, a partir das experiências vividas, elabora e produz novas e diferentes experiências formativas. A *tematização da prática* possibilita um olhar reflexivo sobre o cotidiano escolar, por meio de estudo de casos, propiciando reflexão coletiva e aprendizagem derivada da solução de problemas. Já a *observação de experiências* permite deparar-se com a complexidade do ato do profissional e, desta forma, analisar variáveis que os registros escritos e os relatos dificilmente conseguem transmitir.

Fruto do trabalho realizado ao longo de 2021, essa publicação compila Relatos que trazem à tona memórias das participantes, por meio do registro de seus processos de aquisição da escrita e do papel da leitura em suas vidas, de reflexões sobre os aprendizados da formação e da profissão, e das interações que promovem a aprendizagem dos estudantes. O Relato de prática traduz e destaca experiências construídas por ações e relações com diversos sujeitos, sejam eles colegas de profissão, estudantes ou comunidade escolar. Nele é possível destacar detalhes que realçam a ponte entre a experiência

vivida, transbordada para outros contextos, como as vivências da infância, que reverberam nas escolhas profissionais, ou as reflexões sobre momentos emblemáticos com alunos que nos marcaram, a ponto de alterar a relação professor-aluno.

Nesse exercício de recuperar memórias, de consultar registros e transformá-los em texto para o outro, a experiência vivida é sistematizada. Essa expressão organiza o pensamento e amplia a consciência de suas experiências e práticas. Tal processo proporciona uma importante contribuição no desenvolvimento de um profissional reflexivo, que age, que pensa no que faz e que se questiona. Ademais, a escrita de textos reflexivos traz as vozes e as identidades dos docentes, permitindo a apreciação de seus pares sobre suas experiências. Ao ser lido por outros colegas de profissão cada autor tem uma referência de como sua prática é vista e pode, assim, desenvolvê-la, reformulá-la e trocar experiências. Além disso, os leitores de seu trabalho têm a oportunidade de se inspirar.



A profissionalização do ensino e da formação para o ensino é um movimento internacional. Na América do Norte, e na maioria dos países de cultura anglo-saxônica, assim como na Europa francófona, toda a área educacional está imersa numa corrente de profissionalização dos agentes da educação. Em sua prática, os profissionais devem se apoiar em conhecimentos especializados e formalizados, adquiridos por meio de formação de natureza

universitária. Os conhecimentos profissionais são evolutivos e progressivos e, por isso, necessitam de formação contínua e continuada. Estes conhecimentos são essencialmente pragmáticos, ou seja, são modelados e voltados para a solução de situações concretas. Por essa razão, requerem, também, improvisação e adaptação a situações novas e únicas (TARDIF, 2014).

Esta publicação consolida experiências que materializam esse processo de aprendizado. É constituída, inicialmente, por uma apresentação, escrita, a nosso convite, por uma renomada pesquisadora brasileira do campo da formação de professores e dos processos de ensino e de aprendizagem. Em seguida, são apresentados os textos das participantes organizados em cinco seções.

Na primeira delas, o leitor encontrará relatos de profissionais da educação, permeadas por suas histórias de vida, especialmente relacionadas aos seus processos de aquisição da leitura e da escrita, e as influências dessas experiências em suas escolhas profissionais.

A seção 2 apresenta reflexões das participantes, promovidas pela formação do Programa Ecoa. São registros que revelam a “tomada de consciência” das participantes e desencadeiam a produção de conhecimentos, individual e coletivo.

Na seção 3 são encontrados relatos das educadoras que participaram do Programa, em 2021, sobre seus aprendizados e desafios vivenciados na prática profissional.

A seção 4 se dedica às experiências das profissionais da educação com os estudantes, práticas, desafios e possibilidades de como ensinar a ler e escrever.

A última seção trata dos desafios para a educação em tempos de pandemia, por meio de textos que narram os desafios enfrentados pelas profissionais da educação, na nova reconfiguração do trabalho remoto imposto pelas condições sanitárias.

No posfácio são apresentados textos que registram as impressões de dois leitores convidados, estudiosos da educação escolar, que abrem diálogos com referenciais teóricos clássicos nacionais – Paulo Freire, Isabel Solé e José Carlos Libâneo – e internacionais – Vygotsky, Schön, Shulman, Zabalza, dentre outros –, conectando-os aos relatos e às experiências retratadas pelas participantes. Por fim, o texto das formadoras do Programa Ecoa, que conduziram as atividades que originaram os relatos encerra esta publicação,

trazendo reações e reflexões sobre o processo vivenciado que culminou a produção desta coletânea.

Convidamos você a ler essas histórias e refletir sobre o papel e a importância da escola na vida das pessoas, de modo a despertar sobre o quanto a educação pode ser transformadora.

APRESENTAÇÃO

Entre vida, experiências e transformações: memórias de escola

Ana Maria Falcão de Aragão¹

No início de 2000, minha filha, Bia, mudou de escola. Vinha de um espaço grande, em que já estava adaptada, mas, ao final do que era, então, sua 3a série, resolvemos levá-la para outra instituição. Cumprindo o que acreditava serem minhas funções de mãe, parei o carro e, de mãos dadas, entramos na escola para encontrar a sua turma. Ao chegarmos lá dentro, vimos que havia várias “filas de mochila” no chão e os estudantes brincavam naquele espaço. Encontrei, então, um inspetor de alunos (ou algo que o valha) e perguntei como fazíamos para encontrar a sua classe. Ele procurou o nome dela em uma lista e disse para ficarmos numa determinada fila que logo a professora viria. Minutos depois, a professora Manuela chegou. Apresentei a Bia e lhe disse que ela estava aflita, pois, apesar de ser o início da 4a série, ela não conhecia ninguém e os alunos já tinham suas amizades e preferências, ao que a professora, abaixando-se para ficar do seu tamanho, lhe disse: “Eu também não conheço ninguém, pois é o meu primeiro dia de aula. Podemos, então, ficar de mãos dadas? Você me ajuda e eu te ajudo!”.

Me despedi da Bia e fui embora, acreditando que ela estava com a melhor professora do mundo! Onde essa professora, que não tinha 30 anos, estudou para aprender a ser tão empática e generosa com seus estudantes? Ela talvez não soubesse, mas olho para aquele episódio como um momento de aprendizagem da minha filha: como pessoa, como cidadã e como uma característica importante para o desenvolvimento de sua humanidade. Mesmo que não tenha lido Shulman (1986), Manuela aprendeu, na sua formação inicial, que ensinar é composto dos seguintes elementos de conhecimento: dos conteúdos que vai ensinar, das características dos alunos em cada circunstância, dos contextos de vida dos alunos (aprendizagens anteriores, vocabulário, linguagem e vivências), do modo de tornar os conteúdos aprendíveis e de como se fundamentar em valores socialmente legítimos

¹ Psicóloga. Professora titular do Departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (SP).

(Declaração Universal dos Direitos Humanos).

A professora, em uma frase, demonstrou, mesmo intuitivamente, que sabia que a afetividade é um dos fatores fundantes das relações que se estabelecem entre aluna e professora e entre estas e os conteúdos. Assim, mostrou também que é no diálogo com interlocutores privilegiados que se pode organizar o processo de ensinar e de aprender, pensando que é ali que se produzem conhecimentos.

Ao final do dia, ao buscar a Bia, ela vinha eufórica e falante, contando tudo o que havia vivido com a professora Manu: “Mãe, ela é muito legal! Adorei essa professora e a escola!”.

De alguma forma, a professora aprendeu que mesmo que tenha havido uma grande aposta na dimensão afetiva de sua formação, esta não deve ser alijada da promoção de desenvolvimento global da aluna, especialmente do ponto de vista cognitivo. Reafirmamos (Manu e eu) que a relação entre afeto e cognição é a mola propulsora da discussão sobre o processo de ensinar e aprender e deve ser encarada como um dos pontos fundantes no processo de formação do professor na direção do seu desenvolvimento profissional e pessoal. Há uma íntima relação entre o ambiente cultural e o social e os processos psicológicos e, neste sentido, as contribuições da Psicologia para a Educação são fundamentais (SADALLA; AZZI, 2004).



Este livro traz histórias de vida e de formação dessas profissionais da educação e, como afirmo em um texto que está no prelo e será publicado ainda este ano (ARAGÃO, 2022), para que possamos trazer dimensões sobre nossa história de formação, profissional e pessoal, é fundamental que nos entreguemos “impiedosamente à verdade”, segundo Evtuchenko (1984, p. 7). Temos que nos entregar à nossa realidade, tendo que lembrar, juntar, relacionar e, o mais complicado, nos interpretar. Penso que temos que buscar definir nossas heranças, aquilo que a vida foi nos deixando, bem como deixar nossos testemunhos acerca do que fomos vivenciando e como fomos fazendo nossas escolhas.

Starobinski (1970) nos aponta que compartilhar nossa experiência pessoal, acreditando ser relevante para o outro, é poder falar de algo que vivemos e nos modificou, que nos transformou de tal modo que fomos sendo tomados pela vontade de partilhar essa experiência. Entretanto, como assinala o próprio autor, o estilo de escrever não está definido *a priori*, se constitui com o sujeito, “está ligado ao ato de escrever: ele resulta da margem de liberdade oferecida pela língua e pela convenção literária” (STAROBINSKI, 1970, p. 257).

Quando comecei a ler essas narrativas, foram sendo encarnadas nas minhas formações pessoal e profissional. Este livro é formado por cinco seções que agrupam os relatos de professores que participaram das formações desenvolvidas no âmbito do Programa Ecoa Formação. As narrativas apresentadas reforçam que somos constituídos nas relações sociais e nos singularizamos também a partir delas. Deste modo, nossas histórias de vida contam nossa formação, nossos sentidos e as singularidades, que são produzidas e enunciadas por nós, por intermédio de palavras (que deixam indícios) e também pelos nossos silêncios.

Os grupos de formação foram constituídos nos três municípios onde o Programa se realiza – Juruti (PA), Poços de Caldas (MG) e São Luís (MA) – com profissionais das equipes das secretarias de educação e que atuam nos processos formativos municipais e outros com a participação de profissionais que têm como lócus de trabalho a escola, como membros da equipe gestora ou docentes. Claro que tudo isso aconteceu de modo remoto, em razão da pandemia.

Mesmo com o Programa ocorrendo de modo *on-line*, as profissionais que participaram dessa iniciativa foram seduzidas a produzir narrativas acerca de suas memórias do processo de aprendizagem de leitura e escrita. Aqui se consolidam essas narrativas. Numa das primeiras, ao falar sobre a proposta de formação, a autora Juniangela Lopes de Lima, de Juruti (PA)

diz: “Foram momentos de grandes aprendizados, tive a oportunidade de ter como formadoras duas mulheres de um profissionalismo excelente. Apesar de ser de forma virtual, podíamos perceber o quanto foram acolhedoras e incentivadoras”. Esta equipe não se mostrou só profissionalmente às profissionais, mas, apresentaram seu lado pessoal e humano, e alcançaram seu objetivo de formação quando a mesma autora da narrativa questiona: “E o que ficou como marca dessa formação foi: O que ensinar? Como ensinar? Para que ensinar?”

Ao longo dessas cinco seções de narrativas, podemos nos encantar e nos encontrar com diferentes textos narrados que se referem a como as participantes aprenderam a ler e a escrever, memórias de locais e estratégias que foram usadas por seus professores na infância. A autora de São Luís (MA), Gilcilene de Jesus Cordeiro Lindoso, relata o seguinte modo de aprender a ensinar: “Pegava as grades de cerveja vazias e brincava de escola, chamava meus irmãos e as crianças do bairro, num espaço da casa que meu pai organizou”. Ao final, espanta-se dizendo que, mesmo sendo criança, recebia dinheiro para ensinar os amigos da vizinhança. Claro que ela não tinha conhecimentos de didática nem fundamentos pedagógicos, mas apenas desejo e prazer de “brincar” de ser professora. Meu pai, José Aloisio Aragão, nos anos 1960, compôs uma música intitulada “O mundo não entende uma criança”, em que diz em uma das estrofes:

Por que é que a gente se engana
Pensando que tudo aprendeu?
Por que é que a gente imagina
Que uma menina nada pode ensinar
Por que nada viveu?

Claro que sabemos hoje (e a Gilcilene também sabe) que não basta ter prazer em ensinar, nem saber sobre o conteúdo, mas imaginamos que uma menina é capaz de ensinar. É necessário, como disse Lee Shulman, já referenciado, que é fundamental tornar o conhecimento “aprendível”. Os professores narradores desses textos também contam que a escola não foi sempre um lugar bacana e não foi em todos os espaços que, como afirma a profissional de São Luís do Maranhão, Regiana Froz Campos, foi possível aprender com prazer e afeto “porque não me possibilitaram aprender de forma significativa, em contexto real, como sujeito ativo diante do objeto do conhecimento”.

Não é possível referenciar todas as narrativas aqui contidas e acompanhar sem emoção e afeto o trabalho que foi realizado com profissionais

da educação das três redes de ensino. A formação teve como objetivo “refletir sobre o papel da literatura na vida, na constituição dos sujeitos e no processo de construção da escrita, bem como as interações que promovem a aprendizagem das e dos estudantes, consideradas potentes no enfrentamento dos desafios para combater as desigualdades sociais no contexto nacional”.

Durante a discussão sobre formação de professores, tem sido muito importante a ideia de reflexividade. Defendo que há reflexividade quando o profissional desenvolve teorias e práticas se debruçando sobre o conjunto de sua ação e refletindo sobre o seu ensino e sobre suas condições sociais nas quais suas experiências estão inseridas. A ideia de reflexão difere de reflexividade. A reflexão é a ação em si (mental ou física) de indissociar teoria e prática. Já a reflexividade é a capacidade de realizar reflexão de forma sistemática e coletiva.

Apesar de não ter sido apontado, literalmente, o processo de reflexividade como princípio fundamental da ação do Programa, o Ecoa Formação tem a finalidade de propor uma mudança significativa no ensino atual e destaca a reflexividade docente como ponto de partida para a busca de uma escola que propicie um ambiente reflexivo e participativo, uma escola que forme pessoas autônomas, que se volte para a cidadania e que leve à emancipação, tornando-se, assim, uma escola reflexiva.



Nessa perspectiva, destacamos a necessidade da reflexão sobre a prática, tendo como base a apropriação de teorias como elemento fundamental para a melhoria de práticas de ensino, em que o professor é ajudado a compreender o próprio pensamento e a refletir criticamente sobre sua prática, construindo e significando seu saber-fazer, entrelaçando a ele novos instrumentos de ação.

As narradoras-autoras desses textos, mesmo sem terem referenciado Donald Schön, mostram que concordam com ele quando o autor afirma que

Quando aprendemos a fazer algo, estamos aptos a executar sequências fáceis de atividade, reconhecimento, decisão e ajuste sem ter, como se diz, “que pensar a respeito”. Nosso ato espontâneo de conhecer-na-ação geralmente nos permite dar conta de nossas tarefas. No entanto, nem sempre é bem assim. Uma rotina comum produz um resultado inesperado (...), contém um elemento surpresa (...). Em uma tentativa de preservar a constância de nossos padrões (...), podemos responder à ação colocando-a de lado (...) Ou podemos responder a ela através da reflexão (SCHÖN, 2000, p. 32).

É importante lembrar que ao atuarmos na direção de buscar transformar a prática cotidiana do professor com a busca e a ressignificação de suas memórias e histórias, não basta deixar de culpar o aluno e, ainda equivocadamente, passar a responsabilizar o professor por toda a história de fracassos na qual a educação brasileira está mergulhada. Profissionais da educação que atuam nas escolas, nas instâncias intermediárias, assim como nas Secretarias de Educação, precisam assumir seu compromisso social, participar da promoção da autonomia dos atores do processo de ensino e de aprendizagem, contribuindo para desenvolver a reflexividade de professores, mas que também atingirão pais, funcionários e alunos, ajudando a escola a ter uma atuação mais coerente, na direção daquilo que pretende alcançar.

Assim, ao finalizar este texto, chamamos atenção para o fato de que as autoras-narradoras têm muito a nos ensinar e a nos encantar com seus textos, com suas histórias, em que torcemos muito por algumas de suas professoras dos anos iniciais e, para outras, nem tanto, mas não nos demorem mais para que você possa chegar à conclusão, assim como eu, de que numa sala de aula é possível acreditar num mundo melhor quando paramos para contar e recontar nossas histórias.

SEÇÃO 1:

Leitura e escrita: experiências na profissão e na vida



Seção 1

Leitura e escrita: experiências na profissão e na vida

Cada memória é um museu de acontecimentos singulares aos quais está associado certo “nível de evocabilidade” ou de memorabilidade. Eles são representados como marcos de uma trajetória individual ou coletiva que encontra sua lógica e sua coerência nessa demarcação.

Joël Candau (2012, p. 98-99)

A formação de educadoras precisa considerar que cada sujeito possui uma história com a escola que vai além do ato profissional. Trata-se de um percurso vivido desde o seu primeiro contato com a escola, ainda quando nem imaginava escolher esse campo como profissão.

Rememorar, dar a ver os processos individuais, resgatar a própria história, seja como estudante, seja como educador, possibilita um processo de reconhecimento daquilo que nos marca como sujeitos e, de certo modo, dá cadência aos fazeres na profissão.

Ler e ouvir a trajetória das educadoras, conhecer suas histórias de vida e tecer diálogos com base nessas experiências possibilita construir compreensões das escolhas feitas no ato do trabalho e ajuda a projetar reflexões mais aprofundadas sobre o fazer na profissão.

Aqui, nesta seção, você encontrará histórias de profissionais da educação permeadas por suas histórias de vida e poderá se reconhecer em algumas delas. Um reconhecimento que pode causar alegria, dor ou mesmo indignação em algumas situações, mas também ajudar na produção de projetos educativos mais humanizados, mais coerentes com a intencionalidade concreta de produzir uma escola que realmente possa ser espaço de aprendizagem.



Thaís Cravo Villas Bôas

Equipe escolar de Poços de Caldas (MG)

Outubro/2021

Caminhos para a imaginação

Palavra falada,

Palavra cantada,

Palavra inventada,

Palavra lida,

Palavra ilustrada.

Diversos são os caminhos

Para se mergulhar na leitura.

Eva Furnari, Ruth Rocha,

Roseana Murray, Ana Maria Machado...

São tantos autores

a guiar essa aventura!

Leitura deleite, sem intenção,

recurso para o despertar da escrita criativa,

possibilidades de organização e reflexão.



Gilcilene de Jesus Cordeiro Lindoso

Equipe da Secretaria de Educação de São Luís (MA)

Maio/2021

Nos meus primeiros anos de vida escolar, não existiam leituras de livros nem revistas. Na minha família, poucos concluíram os estudos básicos e outros não eram alfabetizados. Meu pai concluiu o Ensino Médio e minha mãe estudou até o 4º ano primário (5º ano do Ensino Fundamental atual) e as condições financeiras não eram boas. O acesso que tinha aos livros era somente na escola, mas não havia incentivo para a leitura pelos professores, pois não me lembro de nenhum livro de história infantil lido por alguma professora nem de empréstimos de livros na escola.

Sou a terceira de seis irmãos e fui a única que custou muito aprender a ler e escrever. Minha tia passou a me ensinar, mas não adiantava: as letras não entravam. Fui para uma escola de reforço, porém apanhava muito porque não conseguia ler nada nem sabia fazer nenhuma conta. Não entendia como não sabia fazer as contas da escola, visto que ajudava meu pai no comércio e sabia passar troco. Decidi não ir mais para o reforço, mas não desisti de aprender.

Na minha turma, havia dois amigos irmãos que sabiam ler e eles passaram a me ajudar. No começo, memorizava as lições para apresentar à professora, mas, quando ela descobriu, me repetiu de ano. Sofri muito tempo para me alfabetizar e somente aos 9 anos consegui. No ano seguinte, continuei pedindo ajuda aos meus amigos, mesmo eles estando em outro ano escolar. Antes de ir para a escola, ia para a casa deles e me ajudavam na leitura, mas sem memorizar dessa vez.

Mesmo ajudando a minha mãe com meus irmãos, sempre estava com meu livro didático para exercitar a leitura, pois estava focada em aprender. Quando estava no comércio, ficava tentando ler os rótulos das mercadorias. Uma palavra que me intrigava e que eu não conseguia ler era o nome do congelador Prosdócimo. Nesse processo, não pedia ajuda. Quando uma palavra era difícil de ler, queria descobrir sozinha.

Depois de algum tempo, deixei de ir para a casa dos meus amigos,

assim que aprendi um pouquinho a juntar as letras e formar sílabas. Quando aprendi a ler, pronto! A alegria foi tanta que resolvi ser professora aos 10 anos. Pegava as grades de cerveja vazias e brincava de escola, chamava meus irmãos e as crianças do bairro, num espaço da casa que meu pai organizou. Os anos passaram e, aos 12 anos, algumas famílias passaram a me pagar para ensinar seus filhos, você acredita?

Quando me tornei professora, percebi que a forma como me alfabetizaram não se encaixava comigo. Essa experiência dolorosa que tive me tornou uma pessoa apaixonada pela alfabetização, sem saber. Assim que iniciei minha carreira, foi numa turma de alfabetização, com pouquíssimos conhecimentos, mas com o desejo de aprender. Desejava muito aprender para poder ensinar. Na minha primeira turma, 27 de 28 alunos se alfabetizaram. Num primeiro momento, fiquei muito triste, pois não queria deixar ninguém para trás como fui deixada.



Célia Regina Alves Dias dos Santos

Equipe da Secretaria de Educação de São Luís (MA)

Maio/2021

Gostaria de contar um pouco sobre a trajetória escolar de meus pais. Minha mãe, natural de Morros, cidade do interior do Maranhão, de família paupérrima e filha de quebradeira de coco babaçu, conseguiu estudar até a 4ª série do primário (5º ano do Ensino Fundamental atualmente), por meio do Programa PEI/MEC, do Governo Federal. Lembro-me ainda hoje das capas dos seus livros com a frase “Um passo a mais”. Assim, depois de constituir família e dos filhos crescidos, ela concluiu a primeira e única etapa de estudos.

Meu pai, natural da cidade de Primeira Cruz, também no interior do Maranhão, teve uma vida semelhante à de minha mãe. Apesar de ser filho de lavradores, teve a oportunidade de cursar o primeiro ano básico do 2º grau (atualmente, corresponde à 1ª série do Ensino Médio). Mesmo enfrentando desafios diários, ambos conseguiram conduzir os sete filhos à escola e, apenas dois deles chegaram, até então, ao ensino superior.

Tive o primeiro contato com as letras por meio de minha mãe. Na memória, carrego a lembrança do dia em que levei uma surra por não conseguir escrever a letra “g”. Ingressei na escola aos 7 anos de idade, no Grupo Escolar Dr. Dunches de Abranches, localizado na comunidade Mata Grande, bairro da zona rural de São José de Ribamar. Fui matriculada no 1º ano “fraco”, turma composta de estudantes que ainda não possuíam consciência fonológica, portanto não tinham desenvolvido as práticas de leitura e escrita.

Lembro-me, com gratidão, da professora Aldenira Trindade que me ensinou a ler e escrever. A escola possuía aspecto sombrio, as carteiras de madeira eram conjugadas e, assim, cada uma acomodava duas crianças. Lembro ainda que, na entrada da escola, cantávamos o Hino Nacional Brasileiro e o Hino do Maranhão, enfileirados no pátio. Quando a professora da turma faltava por alguma razão, era D. Mariana que ficava conosco e realizava maravilhosas leituras para nós. Os títulos de textos que ficaram na memória foram “A carrocinha” e o “Boi aruá”.

Mais tarde, cursando o Magistério, passei a alfabetizar voluntariamente um grupo de crianças da Vila Nossa Senhora da Conceição, no bairro da Matinha, em São José de Ribamar. Às vezes, oferecia a elas cadernos, lápis e borrachas, pois os pais não tinham condições financeiras para comprar os materiais escolares.

Outra experiência com alfabetização aconteceu quando lecionava na Educação Infantil, na rede pública de ensino de São José de Ribamar. Desenvolvia com as crianças o método fônico, por meio do Programa Alfa e Beto. Mais tarde, passei a atuar na Educação de Jovens e Adultos, alfabetizando aqueles que, por algum motivo, deixaram de ingressar na escola na idade certa.

Num certo ano letivo, consegui alfabetizar quatro irmãos trabalhadores e chefes de família. No início, ficaram constrangidos, relataram que o pai os levava para a roça e, assim, os impedia de estudar. Eles ficaram muito contentes quando conseguiram ler e escrever as primeiras palavras e frases. Essa experiência foi muito marcante para mim!

Gosto de alfabetizar na perspectiva de letramento. Sinto-me feliz quando proporciono às crianças e aos jovens o encanto pela leitura e a construção de textos. Ouso falar que gosto de ler, porém continuo “arranhando” a escrita!



Regiana Froz Campos

Equipe da Secretaria de Educação de São Luís (MA)

Maio/2021

Hoje, tirei um tempinho do meu precioso domingo para pensar e contar sobre como se deu o meu processo de alfabetização. O que vem à minha mente não é uma recordação escolar, mas as infinitas tardes em que minha irmã mais velha lutava para me ensinar a ler em casa, em razão das constantes reclamações da professora, pois não estava acompanhando as aprendizagens escolares. Eu me debruçava em um livro de folhas desbotadas e escuras, nada agradável aos olhos. Havia a imagem de uma formiga, provavelmente se tratava da fábula “A cigarra e a formiga”, mas para mim não fazia sentido aquele mundão de letras de imprensa. Não conseguia ler uma palavra aos 7 anos, apesar dos esforços de minha querida irmã, que insistia que eu juntasse as letras e formasse sílabas.

Assim, passei para a 2ª série sem saber ler e escrever, o que me deixou muito frustrada. As tardes exaustivas de tentativas continuaram no ano seguinte e, com 8 anos, não sei como, aconteceu o famoso insight e desvendei o misterioso mundo das palavras.

Quando meu filho começou a ler aos 4 anos de idade, eu me emocionei; leu sem muito esforço, mas porque sentia vontade de ler tudo que via pela frente e perguntava a toda hora qual o som de determinadas letras juntas. Ele queria aprender a enviar mensagens pelo *WhatsApp*. Refleti como tínhamos vivido em mundos tão diferentes e eu, na verdade, não era desprovida de inteligência, mas o que me faltou foi um contexto de letramento. Na minha casa, não havia jornais, revistas nem livros interessantes. Ninguém lia (ou dava importância pra isso), não tinha TV nem tive educação infantil. Não achava a escola legal. Na verdade, era o momento mais terrível da minha vida. Chorava muito, inventava dor de barriga para não ir, porque era um mundo estranho e sem sentido para mim.

Ao receber o desafio de ser professora alfabetizadora, comecei a estudar a *Psicogênese da língua escrita*, obra de Emília Ferreiro e Ana Teberosky.

Encantei-me ao descobrir como acontece o processo de construção do conhecimento sobre o sistema alfabético de escrita. Entendi por que foi tão difícil o meu processo de alfabetização baseado na memorização, e não na reflexão. Não me possibilitaram aprender de forma significativa, em contexto real, como sujeito ativo diante do objeto de conhecimento, forma pela qual, felizmente, meu filho pôde experimentar e que eu também pude proporcionar a muitos estudantes com quem tive a imensa alegria e orgulho de alfabetizar.

Espero que este curto relato contribua para que conheçam um pouquinho da minha história e, assim, entendam minha paixão por esse processo tão complexo e fantástico que é a alfabetização.



Elizete Nogueira Felizardo

Equipe escolar de Poços de Caldas (MG)

Junho/2021

Quando me coloco a refletir sobre o papel da leitura e da escrita na minha vida, lembro-me dos primeiros tempos da escola, mas sinto um vazio em relação a isso. Fogem-me as lembranças do gostar de ler e escrever. Diante daqueles resumos de livros diversos que não tinham nenhum sentido, eu me perguntava: “Por que tenho que ler isso?”.

Quando estava terminando o magistério, uma amiga me emprestou um livro. Comecei a ler sem muito interesse e compromisso porque não tinha intimidade com livros. Eles ainda não me tinham sido bem apresentados.

Qual foi a minha surpresa? Encantei-me! Devorei o livro como se fosse algo muito saboroso. Que história! Que emoção! Naquele momento... Eureka!!! Descobri o mundo! Que personagem encantadora! Se tivesse uma filha, chamaria Noelle, com certeza.

Hoje, fazendo minha reflexão, entendo que a escola não conseguiu fazer o papel do encantar, do deleitar com os livros, a tão encantada viagem. Fui descobrir fora dela e, depois na faculdade e na pós-graduação, onde tive verdadeiros mestres que muito contribuíram para isso.

Penso que, como mediadora da aprendizagem, me sinto no dever de ser uma encantadora de sonhos, para o mundo imaginário e, ao mesmo tempo, tão real, aguçado pela leitura. Despertar a fruição para o deleite da leitura é, como coloca Paulo Freire, dialógico, pois “o ato de ler não é um ato solitário”. O leitor recebe um convite para transportar-se no tempo e no espaço, conhecer os personagens e se encantar com aquela trama tão bem emaranhada de palavras e atos. Quisera apresentar tantas Meirelles, Coras e Rochas, com seus poderes de usar o jogo maravilhoso das palavras. Quisera eu apresentar muitas “Noelles” para aqueles que precisam ser transportados para a descoberta de muitos mundos.



Ruth-ane do Nascimento Oliveira

Equipe da Secretaria de Educação de São Luís (MA)

Maio/2021

O sujeito é um ser que se constrói e se constitui sociocultural e historicamente na interação com o outro, no contexto em que ambos estão inseridos.

Vygotsky (1991)

Venho relatar um fato resgatado de minhas memórias sobre alfabetização a partir da seguinte pergunta: “Ao pensar em alfabetização, sua memória lhe remete a qual experiência mais significativa?”.

Buscando encontrar uma experiência sobre tal proposição, resolvi destacar dois momentos que talvez possam responder ou dar pistas para uma melhor visão sobre minhas experiências em alfabetização que me provocaram mudanças. O primeiro estabelece meu contato com as leituras que ocorreu em minha infância e o segundo se deu em uma escola pública da rede municipal de ensino em São Luís, localizada na área urbana.

As lembranças são raras de como a escola me influenciou. Minha mãe, colaboradora nessa busca, afirmou que li antes dos 7 anos, mas realmente não me recordo. Lembro-me apenas do trajeto da minha casa até a escola, na cidade de Pedreiras (MA), onde vivi minha primeira infância. A lancheira de plástico em forma de casinha (moda da época), a frente do jardim florido que eu admirava e a ida às aulas particulares de Dona Cotinha, que sempre deixava um dos meus irmãos de castigo pelo comportamento fora do padrão exigido.

Minhas memórias sobre leitura trazem lugares bem específicos de minha casa. A estante de madeira com as coleções de culinária de minha mãe e os clássicos infantis comprados desses vendedores que iam de porta em porta com seus carnês amarelos, os quais ela religiosamente pagava a cada final de mês. Lembro-me do chão da sala, ao lado da radiola, na qual passava

horas escutando histórias muito comuns da época e, por fim, o quarto dos meus irmãos com os gibis da coleção da Marvel. Penso que esses momentos foram marcantes, pois são os que tenho de memória.

O segundo momento que destaco é a formação continuada em alfabetização que me permitiu ruminar as ideias, a ser mais ousada em transgredir pedagogicamente e mudar minhas concepções como professora, vivenciando uma experiência em sala que penso ser um reflexo da formação continuada.

Fundamento esse relato, apoiada em Libâneo (2012), ao afirmar que

O significado do ensinar-aprender e do aprender-ensinar, desde a perspectiva histórico-cultural, é o de que a aprendizagem envolve a apropriação pelo indivíduo da experiência social e histórica expressa nos conhecimentos e modos de ação que, com a adequada orientação do ensino, leva ao desenvolvimento mental, afetivo e moral dos alunos. Trata-se essencialmente de um processo de mudança, de reorganização e enriquecimento do próprio aluno, implicando sua participação ativa e, ao mesmo tempo, a intencionalidade educativa daquele que ensina.

Considerando as transformações que acontecem na prática docente, fiz um resgate da memória das minhas mais de 5 mil aulas em turmas de alfabetização. Um fato marcante foi um aluno que demonstrou saber mais do que eu na confecção de um avião de papel, o que me provocou um conflito interno, pondo à prova o ter autoridade e o ser autoritária.

Orientei sobre a atividade e disse que ensinaria a fazer a dobradura do avião, mas ele era mais ágil, não esperou o passo a passo e concluiu antes. No ímpeto, alterei o tom de voz para determinar quem mandava. No entanto, em frações de segundos, as reflexões a mim provocadas uma semana antes na formação da qual participara moveram-me a pedir desculpas na frente da turma pela minha postura e me rendi à capacidade dele de fazer melhor.

Mas sobre o que esse momento me fez refletir? Que não devo olhar apenas para o que quero ensinar, e sim ver nos estudantes suas potencialidades para, segundo seus campos conceituais, promover grandes experiências. O resultado foi que ele se tornou do aluno “retido” e “atrasado” para o mais “desejado”, o que sabia mais e seu processo fluiu, não demorou e ele já estava lendo.

São muitas experiências. Daria um livro se fosse contá-las, mas, por ora, o que temos é o exposto. Estou ansiosa para ler as experiências das outras professoras e aprofundar meu olhar reflexivo sobre suas incursões mais densas nesse processo.



Katharine Caires Moucherek

Equipe da Secretaria de Educação de São Luís (MA)

Maio/2021

Minha mãe e minha avó me alfabetizaram em casa, numa bela e pequena cidade chamada Bacabeiras, no interior do Maranhão. Elas “davam aulas” para mim e para todas as crianças da região, bem como para as filhas e filhos dos empregados da fazenda onde vivi meus primeiros anos de vida. Eram poucas crianças, na verdade. Não sei contar, mas cabiam na pequena copa da nossa casa.

Lembro-me muito bem dos recortes de jornais e revistas que elas faziam. Gostaria de recortar também, mas elas tinham medo de que me ferisse. O fato é que montavam atividades no estilo de cartilha para nós, com jornais e revistas velhos. Depois, colavam-nos em cadernos para cada um de nós, que ficavam guardados no armário da copa, logo que terminávamos as atividades. A casa era toda transformada na hora da aula.

É interessante que não me recordo das primeiras vezes em que escrevi algo, mas lembro-me muito bem da primeira vez em que li, sem que ninguém pedisse. Estava sentada no chão do corredor, com a minha Bíblia ilustrada novinha. Perguntei à minha avó se ela me deixaria ler para ela, pois todos os dias era ela que lia para mim. Naquele dia, seria a leitora e escolhi o trecho sobre o nascimento de Jesus. Li toda a história e ainda me lembro das ilustrações. Quando terminei, fui tomada por um sentimento tão profundo, um misto de alegria, satisfação, gratidão e um pouco de orgulho. Eu me senti “senhora de mim mesma”. Não precisava que ninguém lesse mais para mim. Era capaz de fazer isso por conta própria. Tinha 6 anos na época e olha que, havia muito, já tinha sido “alfabetizada”. Já era capaz de ler e escrever, mas não daquela forma. Aquele dia foi minha melhor memória sobre alfabetização, por mais estranho que pareça.

As pessoas me diziam que eu era muito inteligente e minha avó me matriculou na escola mais próxima à sua casa. Fui para uma escola confessional renomada, portanto com um regime rigoroso e uma formação inquestionável, a não ser pelo fato de me trancarem na sala e depois num local pequeno, escuro

e fechado. O que eu havia feito? Simples. Cada vez que olhava a minha avó sair pelo portão, saía chorando e gritando pelos corredores da escola, tentando encontrar a saída e alcançá-la a tempo. Ela tentou de tudo. Prometeu de tudo. Fez tudo o que sugeriram. Conversou comigo incansavelmente. Encheu-me de amor e carinho. Foram dias difíceis para todos. Fui expulsa da minha primeira escola, aos 5 anos de idade, com apenas uma semana de aula! Até o momento em que escrevi essas memórias, nunca havia pensado nisso com mais atenção.

Fui transferida. Na nova escola, tudo foi diferente. Depois da avaliação diagnóstica feita na instituição, chegaram à brilhante conclusão: “Como ela já sabe ler, vai para o Jardim III e, depois, para a 1ª série”, ou seja, um ano adiantada. Lembro-me de que minha tia explicou que tudo bem se eu não gostasse, se fosse diferente ou difícil. Se há pessoas que sempre souberam levantar minha autoestima, essas são minha avó e minha tia.

Mas foi um sofrimento, meu Deus! Aquela turma lotada de crianças, aquelas atividades infundáveis e eu sempre a última a sair da sala, porque nunca conseguia terminar a cópia com os outros. A professora sempre com aquele ar cansado, afinal eu não era tão inteligente assim. Era o que eu pensava com os meus botões, portanto não merecia estar ali, mas, ainda assim, consegui ficar quase dois anos nessa escola.

O mais engraçado era que, quando estava em casa, adorava ler as histórias de meu livro *Portas de papel*. Nunca entendi por que era tão difícil quando eu estava na escola. Por que engasgava e gaguejava toda vez que me chamavam para ler em voz alta diante da classe. Tive que ter aulas particulares. Vovó achou melhor que a professora fosse a filha da diretora da escola. Minha avó foi uma heroína, pois jamais desistiu de mim!

Hoje, vejo que são tantas memórias, mas, as mais felizes foram, sem dúvida, com a minha família. Talvez, por isso mesmo, trabalhar na educação tenha sido tão significativo para mim. Sempre quis que tudo fosse diferente para os outros, que fosse melhor, e proporcionar, sobretudo, um ambiente em que as crianças pudessem se sentir acolhidas em sua individualidade, valorizadas, amadas e, portanto, felizes!

Peço desculpas pelas muitas palavras e sentimentos que escapuliram no que deveria ter sido escrito em dois ou três parágrafos. É que a pequena Katharine gostaria muito de contar a você o que aconteceu com ela e a grande resolveu escutá-la.

Aos pequenos e aos grandes que estão lendo essas memórias, um forte abraço.



Maria Angélica Aparecida do Carmo

Equipe da Secretaria de Educação de Poços de Caldas (MG)

Setembro/2021

A cada dia, descubro que a Língua Portuguesa é um verdadeiro jardim, onde poetas mais renomados encontraram a sua inspiração. De onde vem o meu gosto por escrever?

Presente em meu pensamento e aquecido em meu coração, deixo a lembrança de uma menina peralta, que aos poucos chegou até a escola, descobrindo que o ler, merece momentos de alegria, o escrever faz uma trajetória em espiral e que ambos, merecem uma pesquisa no universo dos sentimentos onde afloram as mais belas palavras que, juntas, oferecem um presente regado de belas obras, manifestações poéticas, rimas, trovas, literatura, obediência à classe gramatical, as funções da língua até mesmo nas mensagens em *WhatsApp*.

Gostaria eu de trocar minhas impressões do dia a dia, mas isso gastaria uma cachoeira de palavras que formariam um rio, calmo, manso e sereno. Agora, apenas deixo o meu agradecimento por estar aqui e compartilhar a sensação que as palavras vão deixar como registro:

Pai, você foi o jardim mais belo, que as sementes da vida deixaram desabrochar e florir. Agradeço por ter sido trazida a este mundo e dedico uma flor ao seu belo jardim de poesias, pois com seus poemas pude encontrar a razão de sorrir!



Modestina Cardoso

Equipe da Secretaria de Educação de São Luís (MA)

Agosto/2021

Um momento da formação do Programa Ecoa muito marcante e emocionante para mim foi ouvir a leitura das memórias feitas por alguns colegas, que me fizeram lembrar das minhas memórias de infância enquanto alfabetizanda.

Não tive a oportunidade de passar pela Educação Infantil e iniciei meus estudos com 7 anos de idade, no primeiro ano, com o uso da velha *Carta do ABC* e, depois, com as cartilhas com textos cartilhados que hoje analisamos como algo que não faz sentido, com frases soltas, descontextualizadas etc.

Mas, naquele momento, era isso a que eu tinha acesso e foi com esse tipo de texto que adquiri gosto pela leitura. A literatura utilizada na época não era das melhores, mas era o que tinha para ler, até as madrugadas, à luz de velas, no interior do Maranhão. Já no Ensino Fundamental, isso se consolidou graças a uma professora que tive, Dilce. Que professora maravilhosa!



Fernanda Maria da Serra Costa

Equipe da Secretaria de Educação de São Luís (MA)

Maio/2021

Revisitando minhas memórias para pensar em qual experiência foi a mais significativa, dei-me conta de que essa tarefa talvez fosse difícil. Não porque me falem situações assim, mas porque se trata de escolher. Afinal, como estudante e como docente há muitas vivências desse tipo.

Porém, de ontem pra hoje tive afloramento de memórias afetivas impactantes disparadas pela reunião da Rede Brasileira de Aprendizagem Criativa (RBAC) e, diante de tal fluxo, recordei com carinho de uma situação familiar: de quando eu era pequena e deitava na rede com minha mãe, que chegava em casa morta de cansada do trabalho, mas, ainda assim, lia pra mim revistinhas da Turma da Mônica, da Luluzinha, da Disney.

Esse hábito da rede ficou para a outra geração: com meus dois meninos fiz isso regularmente. Mesmo morta de cansada, eu lia para eles. Como minha mãe, às vezes eu também apagava (sim, ela dormia e eu seguia lendo pra ela).

Li bastante com os meninos. Expus ambos bastante à leitura, com HQ e livros e revistas diversos. No entanto, cada um tem seu perfil de leitor, bem distinto um do outro. O mais velho enveredou pela área técnica, não curte muito literatura e me diz até que tem preguiça de ler. Já o caçula ficou mais parecido comigo, mais ratinho de livros.

O que posso dizer a vocês após essa doce recordação é que aqui em casa todo mundo ama quadrinhos. Temos uma coleção de revistinhas: de mangás, da Turma da Mônica Jovem e do Chico Bento Moço a gibis menores e alguns almanaques especiais. Já tivemos mais, mas algumas se perderam com o tempo. Esse foi um amor por leitura que ficou na família e já uniu três gerações, sempre começando na rede!



Fabíola Cláudia Moreira Medeiros

Equipe escolar de São Luís (MA)

Junho/2021

Os encontros formativos foram muito especiais. O vídeo sobre a leitura do livro *E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas* (Emicida) me fez lembrar de quando meu filho tinha 5 anos e medo de escuro. Adquiri um livro lindo sensorial – que agora não me recordo do título –, cujo tema era o medo do escuro, porque meu filho foi diagnosticado com visão monocular. Como é importante incentivar a leitura dos pequenos lançando mão daquilo que faz parte do cotidiano deles! Lembrei-me das intervenções para auxiliá-lo no processo de aquisição da leitura e escrita. Meses depois, ele iniciou a codificação e a decodificação das palavras, apesar de só ter um olho “enxergante”.

Em seguida, veio a riqueza da leitura do livro *Letras de carvão*. Que coisa linda! Emocionei-me constatando como é limitante não saber ler e como é libertador saber ler. Parece que o mundo ganha cores. É isso que vejo nos olhinhos brilhantes dos meus alunos quando começam a decifrar as palavras.

Refleti sobre o que me move, o que move as minhas práticas docentes. Lembrei-me de que, quando criança, aos 9 anos, juntava meus amigos que não sabiam ler, pegava a porta de um guarda-roupa e um pedaço de gesso e ensinava-os a ler e escrever, apresentando-lhes letras e sílabas. Anos de prática docente e o mesmo sentimento me motiva. Quero compartilhar um bem precioso, um tesouro que é ler, escrever e perceber o valor social que isso tem.



Wander Lúcia Silva de Castro

Equipe da Secretaria de Educação de Poços de Caldas (MG)

Maio/2021

Quero compartilhar com vocês a minha experiência pessoal de “alfabetização”.

Não me recordo de ser alfabetizada na escola pelos métodos alfabético ou silábico e nem do livro utilizado no colégio. Lembro-me das histórias que minha mãe contava, as imagens dos livros e de como achava a minha professora da 1ª série bonita.

Sendo filha de uma educadora que utilizava o método global para alfabetizar – “Os Três Porquinhos” –, eu ficava encantada ao ver os cartazes. Meus irmãos e eu pedíamos para que ela os lesse para nós. Convivi em ambiente de leituras.

Eu observava a minha irmã mais velha estudando e lembro-me que a primeira palavra que decifrei foi “campainha”. Depois a leitura fluiu como mágica.

Como educadora cheguei a conhecer a cartilha “Caminho Suave”, porém nunca a utilizei. No início da carreira trabalhava com uma turma multisseriada na zona rural, 1ª e 3ª série, e utilizava os textos de Ciências para complementar as aulas. Foi um ano muito interessante: os alunos da 3ª série ajudavam os da 1ª série no processo de alfabetização.

Hoje gosto muito de ler textos filosóficos, científicos e poesias. Se me despertam interesse, eu estudo.

SEÇÃO 2:

Relação entre processos formativos e atuação profissional



Seção 2

Relação entre processos formativos e atuação profissional

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

(FREIRE, 1996, p. 16)

É fundamental o reconhecimento de que todo educador pode ser um pesquisador da própria prática e, para isso, é preciso refletir sobre os avanços e desafios que a profissão cotidianamente nos coloca.

O ato formativo tem mais chance de se sustentar quando a reflexão sobre o que se vive no cotidiano do trabalho é considerada e desencadeia um processo reflexivo no qual cada profissional reconhece em suas ações elementos sobre como acontece sua própria aprendizagem e, assim, passa a desenvolver práticas mais ajustadas aos seus estudantes e à escola.

Nos processos de formação que tratam da alfabetização e do letramento, da leitura e da produção escrita, é necessário partir daquilo que se faz, analisar o vivido para construir pontes com outras possibilidades e permitir os avanços necessários.

Nesta seção, você encontrará textos reflexivos, produzidos a partir da relação entre a formação e a atuação profissional. São registros escritos que revelam a “tomada de consciência” dos participantes e desencadeiam a produção de conhecimentos individual e coletivo.



Verônica de Cássia Dias

Equipe escolar de Poços de Caldas (MG)

Maio/2021

A professora alfabetizadora, entre as várias competências técnicas e habilidades que devem ser aplicadas diariamente com os seus iniciantes aprendizes, precisa, antes de tudo, ter uma didática acolhedora, na qual essas crianças possam perceber nesse adulto condutas de carinho e entusiasmo pelo ato de ensinar, de modo a fortalecer essa relação com o intuito de tornar o ensino e a aprendizagem prazerosos e interativos.

A empatia, como pano de fundo no processo de alfabetização, é capaz de aproximar a professora da realidade do aluno e trazer para o ambiente alfabetizador o cotidiano desse aprendiz, além de fazer que ele atribua ao seu aprendizado, mesmo que inconscientemente, significações concretas.

Nesse sentido, podemos trazer para nossa discussão a metodologia de alfabetização de Paulo Freire, conforme cita Beck (2016), em seu artigo: “Em vez de buscar a alfabetização por meio de cartilhas e ensinar, por exemplo, ‘o boi baba’ e ‘vovó viu a uva’, ele trabalhava as chamadas ‘palavras geradoras’ a partir da realidade do cidadão”.

Em concordância com Freire, refletir sobre a questão “ensinar a ler e escrever: o que eu tenho a ver com isso?” se faz necessário porque o nosso compromisso com a aprendizagem não se encerra dentro da sala de aula, a sua funcionalidade atravessa os muros da escola e, logo mais, essas crianças deverão ser capazes de interpretar as demandas econômicas, políticas, culturais, cidadãs, entre outras que a sociedade exige, indiferentemente da camada social a que pertençam.



Ilma das Neves

Equipe da Secretaria de Educação de Juruti (PA)

Junho/2021

A Língua Portuguesa, além de ser uma matéria de peso, como já conhecemos, é a base de uma boa comunicação para as pessoas. Diante de tantos questionamentos presentes na educação e no nosso cotidiano, é correto dizer que a didática, não só na Língua Portuguesa, mas fazendo uma análise no ensino de todas as disciplinas, ainda é a peça fundamental no ensino e na aprendizagem dos seres humanos. Ao fazer uma reflexão em relação ao primeiro encontro, o texto de Paulo Freire trouxe em si algo que tem muito a ver com a minha pessoa. O medo de apresentar ideias, perguntar e expressar ainda faz parte da minha rotina do cotidiano. Nem sempre me sinto preparada para tais questionamentos, por conta das críticas, mesmo sabendo que temos total liberdade para expressar nossas ideias e pensamentos.

No contexto educacional, a leitura e a escrita requerem de nós, profissionais atuantes diante de um processo educativo, o agir, o conhecer e o fazer das nossas ações algo que seja primordial a uma boa comunicação. A Língua Portuguesa e as práticas educacionais estão vinculadas em nossas relações com o público, nas interações educacionais, sociais e profissionais, seja de forma oral, escrita ou virtual.

Por isso, a necessidade de aprimorar nossos conhecimentos e saberes por meio das formações, principalmente a de Língua Portuguesa, é de suma importância para o nosso profissionalismo. No mundo globalizado em que vivemos hoje, somos obrigadas a interagir com tudo o que acontece ao nosso redor. Portanto, compreender as nossas necessidades é perceber que estamos diante de um cenário muito importante para o nosso aprendizado educacional e profissional.



Ryvanna Gomes Abreu

Equipe escolar de São Luís (MA)

Julho/2021

Quais reflexões foram desencadeadas, com base na formação, sobre o ensino da leitura e da escrita que colaboraram para pensar a atuação docente?

Ao refletir acerca desse questionamento, veio-me à memória um pensamento de uma colega do grupo: “Essa formação, além de nos proporcionar reflexão sobre nossa prática, nos permite um encontro com o passado, que é a base do nosso futuro”. É verdade! Assim que ouvi esse comentário, esse discurso reforçou que a formação é uma construção que precisa cuidar da personalidade e da profissionalidade dos sujeitos. Achei sensacional!

Diante do exposto, fui pesquisar um pouco sobre o professor António Nóvoa, que foi a inspiração para esse pequeno debate que me causou curiosidade. Ele fala, em uma de suas colocações, que o professor sempre precisa aperfeiçoar a prática pedagógica e o melhor caminho para isso é debater com os colegas (o que foi feito no âmbito do Programa Ecoa Formação).

Dessa forma, retomando a indagação inicial, o que faz melhorar nossas ações como docentes é debater e questionar, afinal são perguntas que movem o mundo. Quando deixamos claro para nossos alunos que podem questionar, errar e perguntar, eles aprendem muito mais.

Assim também ocorre em relação à leitura e à escrita, quando evidenciamos que a tentativa e o erro fazem parte da aprendizagem dos alunos. Agir dessa forma torna o processo mais proveitoso e coloca em prática os conceitos que aprendemos na formação.

A equipe de formadoras disse que a formação é um processo que cuida de nós como pessoas e profissionais. Afirmo que, após esses encontros, certamente não serei a mesma professora, pois algo a mais adquiri e sinto que a mudança foi para melhor.



Patricia de Paula Dias

Equipe escolar de Poços de Caldas (MG)

Junho/2021

Ensinar a ler e escrever: o que tenho a ver com isso? Essa é uma pergunta que deve ser dirigida a todo brasileiro, pois todos, direta ou indiretamente, fazem parte desse processo de aprendizado na vida de uma criança. Cabe à escola o papel de institucionalizar esse conhecimento, mas não podemos esquecer que todo indivíduo deve aprender a ler e escrever para a vida.

O professor, por sua vez, tem uma grande responsabilidade nesse processo, pois cabe a ele a maior tarefa de todas: ensinar, sistematicamente, a criança a ler e a escrever. Mas não é só isso: o professor tem a responsabilidade de ensinar esse aluno a ler além dos livros didáticos. Deve ensiná-los, por meio da leitura e da escrita, a compreender o mundo à sua volta e entender que são sujeitos que fazem parte deste mundo e, como tais, têm o poder de atuar e modificar a própria realidade.

Por ter esse papel tão importante e fundamental, o professor deve estar sempre se qualificando e se inteirando das novas tecnologias. O que, há 30 anos, era considerado inovador, hoje está obsoleto, o que também vale para os métodos e maneiras de ensinar.

As crianças têm, hoje, à mão, tecnologias que eram impensáveis há alguns anos, mas que se tornaram de fácil acesso nos dias atuais. A informação é processada de maneira cada vez mais rápida e conseguir a atenção das crianças hoje requer ainda mais das habilidades do educador.

Dessa maneira, é cada vez mais necessária a criação de cursos de formação continuada para que esse professor esteja cada dia mais preparado e saiba usar essas novas tecnologias a seu favor. Para ensinar, devemos estar sempre aprendendo.



Aline Quirino Pereira

Equipe escolar de Poços de Caldas (MG)

Agosto/2021

As formações promovidas pelo Programa Ecoa discutiram atividades a serem trabalhadas com os alunos no processo de alfabetização. Quantas vezes levamos para a sala de aula atividades que não correspondem às nossas expectativas nem atingem os nossos objetivos? Aí vem aquela frustração de que fizemos tudo errado...

O encontro de hoje me fez refletir sobre isso. Ter a possibilidade de discutir atividades trabalhadas em sala de aula é muito importante para revermos a nossa prática. Cada professora com uma visão diferente, trazendo ideias novas, é sempre muito bom.

A escola como instituição formal de ensino deve proporcionar ao aluno o conhecimento do uso social da leitura e da escrita para que ele as utilize como ferramentas no meio social onde está inserido.

O trabalho com várias formas textuais que circulam na sociedade, como as pessoas interagem, se comunicam e trocam informações no dia a dia, traz novas possibilidades de ensino e aprendizagem e permite ao aluno apropriar-se de uma postura mais crítica e pensante em relação ao mundo escrito percebido à sua volta.

Assim, é importante que o professor faça a abordagem de diferentes gêneros discursivos e tipos textuais, considerando particularidades e padrões usados em cada contexto, destacando a causa de suas variações: autor, receptor, contexto, momento sociocultural-histórico, objetivo, ou seja, todos os elementos que estruturam cada texto.



Ana Jakelline Silva Marques

Equipe escolar de São Luís (MA)

Junho/2021

Para mim, foi bastante desafiador refletir sobre a questão apresentada: “Ensinar a ler e escrever: o que tenho a ver com isso?”. O presente questionamento me fez perceber que, embora saiba que essa é uma tarefa que exige compromisso de todos os envolvidos no processo de aquisição da leitura e da escrita, independentemente de componente curricular, é fundamental que haja um empenho individual, no sentido de sempre aprimorar e qualificar tal processo, a partir do lugar que ocupo no espaço escolar.

Nesse sentido, no processo de sistematização de saberes (considerando práticas individualizadas que trazem resultados no âmbito coletivo), é necessário que, como educadora, eu utilize cada vez mais os gêneros e os tipos textuais que circulam nas esferas sociais, a fim de que os estudantes se sintam inseridos nesse universo letrado. Para isso, devo buscar sempre estabelecer relações com a realidade do estudante, por meio de leituras significativas, produções de textos concretos e contextualizados, além das práticas de ouvir e falar.

Dessa forma, por meio desse compromisso individual no processo de ensinar a ler e escrever, pode-se e deve-se mobilizar não só os estudantes, mas também a família e os demais educadores, estabelecendo parcerias e corresponsabilidades nesse processo. Afinal, não se pode conceber educação desvinculada de leitura e escrita, qualquer que seja a situação.



Silvia Garcia Gimenes Taconi

Equipe escolar de Poços de Caldas (MG)

Agosto/2021

Como professora alfabetizadora, sempre acreditei que ler vai além do ato de codificar e decodificar. No decorrer das formações desenvolvidas no Programa Ecoa, foi possível reafirmar que a leitura proficiente só ocorre por meio da interação de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Por meio das atividades realizadas na formação, percebe-se a importância dos conhecimentos prévios para dar sentido ao que se lê.

Só formaremos cidadãos eficientes quando conseguirmos (fazer) entender que a leitura tem um papel imprescindível na formação humana, pois, por meio dela, o estudante desenvolverá um papel atuante na sociedade.

Enfim, leitura não é um comportamento natural, visto que precisa ser aprendida e é nossa tarefa incentivar e proporcionar momentos de leitura na escola e fora dela.



Mauriane Santos Ferreira Costa

Equipe escolar de São Luís (MA)

Setembro/2021

A capacidade de fazer escolhas com base na análise e na reflexão foi um ponto que me suscitou muito interesse nas formações do Programa Ecoa. O tempo todo somos levados a escolher e decidir sobre algo. Escolhas também se fazem presentes na prática pedagógica. Como é indispensável uma tomada de decisão cuidadosa, sensível e responsável! Facilmente nos deparamos com um espaço onde propostas pedagógicas são consolidadas segundo uma visão mecanicista que exclui qualquer tentativa de reflexão.

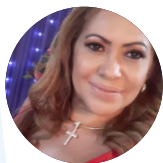
Como é importante refletir sobre o sistema alfabético, perceber se a atividade é de leitura ou de escrita, se é coerente e adequada às habilidades que se deseja desenvolver! Por outro lado, há que se considerar que tudo isso constitui hábito rotineiro no nosso campo de trabalho.

Precisamos entender a linguagem como algo vivo, complexo e sensível. Parece que agora nos encontramos num espaço de desconstrução e ressignificação, haja vista que crescemos ouvindo que, para compreender e dominar a linguagem, basta decifrar códigos mecanicamente. Para além disso, precisamos perceber a linguagem como produto dos diferentes experimentos ou experiências, os quais carregam sentimentos, valores, memória de diferentes grupos sociais, daí a afirmação de que ela é viva, complexa e dinâmica.

Isso significa depreciar as regras e as formalidades inerentes à língua? Respondo que não. Contudo, não podemos desconsiderar que a vida vai acontecendo com seus códigos e significados, ao mesmo tempo que buscamos, a qualquer custo, resultados, às vezes, artificiais diante do real.

As práticas do falar, ouvir e escrever não terão regras? Entendo que o intuito não é desconsiderar os padrões de funcionamento da língua; o ponto de partida para o desenvolvimento dessas competências ocorrerá por meio da expressão, da sensibilidade do que é vivido e experimentado, ou seja, o real e o sensível ganham relevância para o alcance satisfatório delas.

Assim, quando refletimos, estruturamos antecipadamente uma ação sabendo da responsabilidade e das consequências do que escolhemos. O importante é fazer escolhas conscientes, pautadas na análise e na reflexão, articulando-as com o contexto sócio-histórico e visando, sobretudo, ao desempenho satisfatório do nosso aluno.



Silvana Reges Galvão Martins

Equipe da Secretaria de Educação de São Luís (MA)

Setembro/2021

Registro é memória, é história, sem ele vive-se apenas de lembranças, que se esvaem, perdem-se, pois podem ser esquecidas. Já a memória e a observação, quando registradas, tornam-se patrimônio. Registro é construção, apuramento do pensar reflexivo. (FREIRE, 1996).

Sabemos o quanto é importante planejar momentos de leitura e escrita na sala de aula. Em contrapartida, é necessário também aceitar o desafio de se lançar e produzir textos orais e escritos. É fato que a qualidade dos textos produzidos passa por um processo de leitura e escuta que precisa ser iniciado desde a Educação Infantil e, com o letramento atrelado ao lúdico, torna-se mais prazeroso e agradável para as crianças se envolverem no mundo da leitura e da escrita.

É nesse contexto que considero fundamentais o compartilhamento dos registros e das trocas e a ampliação dos repertórios. É necessário se responsabilizar pela qualidade da formação e comprometer-se com o desenvolvimento das habilidades leitora e escritora do grupo e do coletivo. Segundo Bakhtin (2010), é necessário assumir um ato responsável, pensamento participante nas relações que se estabelecem no cotidiano, e dar um passo com intencionalidade, um ato responsivo que faz toda a diferença na vida e na profissão.

O momento de compartilhamento dos fragmentos dos registros, assim como a leitura em voz alta, nos mostra a valorização pelas nossas produções e nos faz acreditar que somos capazes de ir além, de nos transformar em potenciais escritores. Com as crianças não é diferente: elas precisam ser desafiadas, colocadas na condição de leitoras e escritoras, ter o direito de manusear e ampliar seu repertório literário e, claro, sua oralidade. A capacidade de criar é inerente ao ser humano. Cabe à escola planejar boas situações

didáticas, com intencionalidade pedagógica para garantir o direito de aprender às crianças.

Nas formações promovidas pelo Programa Ecoa, também vimos que a linguagem escrita se relaciona com a linguagem oral em diversas dimensões: sociocultural e discursiva, interativa e propriamente linguística. Não existe separação estanque entre oralidade e letramento, fala e escrita. Essas dimensões se articulam em um contínuo e de modo dinâmico, complexo, frequente e intenso, em que o repertório brincante (cantigas, trava-línguas, parlendas, adivinhas) são fundamentais na alfabetização, por trazerem diversas sonoridades, como rimas, aliterações, assonâncias, repetições, paralelismos, que são muito ricos para a reflexão fonológica.

Essa reflexividade docente perpassa pela equipolência das consciências, pela corresponsabilidade com o fazer pedagógico, pela estreita relação entre a teoria e a prática e pelas concepções dos profissionais da educação.

Finalizo o meu registro com a certeza de que somente no coletivo podemos mudar a rota da educação no nosso país. A formação continuada é uma ferramenta necessária para refletir sobre a prática, ressignificando-a.



Cláudia Aparecida Braga de Oliveira

Equipe Escolar de Poços de Caldas (MG)

Agosto/2021

Alfabetização e letramento é um tema que me encanta, que me inspira a querer buscar mais e mais bibliografia sobre ele. Os encontros promovidos pelo Programa Ecoa me proporcionaram momentos incríveis, nos quais foi possível perceber que tudo em que acredito, não acredito sozinha.

Pensar a leitura e a escrita como inovações, como um processo dialógico e não unilateral, é maravilhoso. Olhar para a criança e saber que ela é capaz de criar, inventar e descobrir as formas de escrita e leitura, chega a ser poético.

Deve-se ter em mente que a criança é um ser pensante e saber ouvi-la é de suma importância para a aquisição da escrita. A formação ofertada me proporcionou revisar o meu espaço de professora que sempre fui.

Um momento que me marcou foi a leitura do jovem Arthur, que me remeteu à sala de aula, pois era exatamente assim que eu fazia com as crianças e adolescentes, fazendo-os se encantarem pela história e buscarem mais e mais.

Enfim, anseio por mais momentos reflexivos como esses, em que se pode encontrar consigo e com os outros e até mesmo reencontrar a criança que está escondida em um lugarzinho bem escuro em razão da correria do dia a dia.



Rayssa Bianca Corrêa Macêdo Pachêco

Equipe escolar de São Luís (MA)

Setembro/2021

Início meu relato mencionando o professor António Nóvoa, que diz que devemos sempre nos aperfeiçoar e debater com os colegas nossas práticas.

A todo momento, estamos repensando em como melhor atingir significativamente os nossos alunos. É esperançoso aprender coisas novas.

As formações do Programa Ecoa me fizeram pensar muito sobre as atividades que estou enviando aos meus alunos. Será que realmente estou antecipando, projetando de forma correta, para que o meu aluno aprenda? Será que, ao enviar minhas atividades, realmente paro para pensar se é uma atividade de escrita ou de leitura? Será que a atividade proporciona uma reflexão?

Dessa forma, percebo que tenho que estudar cada dia mais, ser curiosa e nunca perder a emoção de ensinar, pois nossa profissão é desafiadora e belíssima porque transforma!



Ivanilde Pereira de Sousa Silva

Equipe da Secretaria de Educação de São Luís (MA)

Setembro/2021

Gostaria de iniciar meu relato com um trecho da música de Lulu Santos, que traduz muito do lugar que eu falo: “Nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia, tudo passa, tudo sempre passará”. É com esse sentimento que escrevo minhas primeiras linhas.

O contexto pandêmico nos impactou, nos paralisou por alguns momentos em nossas vidas. Foi um cenário que nos obrigou a priorizar a vida, as relações interpessoais e o cuidado com o outro.

Nós, professoras/técnicas, tivemos que enfrentar o caos e os desafios que nos foram impostos. Nós nos reinventamos, aprendemos sobre tecnologias e muito mais sobre a vida. Nosso papel como professoras e técnicas é encontrar saídas para a educação dos estudantes, para que eles não parem de estudar, e repensar novas formas de ensinar. É hora de acolher, pensar sobre o ensino e, sobretudo, as formas de aprendizagem.

Penso que estamos vencendo esses desafios de mãos dadas, porque todos nós temos um só objetivo: trabalhar por uma educação de qualidade. Sabemos que a pandemia aflorou ainda mais as desigualdades sociais, mas, juntas, somos mais fortes.

Quero escrever em meu relato o que me afetou e ficou registrado em minhas memórias sobre esse diálogo promovido nas formações, sobre essa cadeia do aprender, das trocas, das relações de ensino. A formação nos levou a refletir o quanto é importante ouvir as crianças, possibilitar a elas dizerem sua palavra, o seu pensar, o seu sentir, provocando em nós mudanças e um encorajamento para não parar, porque é possível fazermos uma educação de qualidade.



Kátia Cilene Amorim Gomes

Equipe da Secretaria de Educação de São Luís (MA)

Maio/2021

A expressão “o seu olhar, seu olhar melhora o meu”, estrofe da música de Arnaldo Antunes, utilizada para realizar a acolhida de um dos encontros do Programa Ecoa Formação, é um bom ponto de partida para iniciar este relato. Zabalza (2004) nos diz que olhando para trás, analisando os pontos fortes e fracos, é possível reajustar o trabalho e progredir.

Não é a prática por si mesma que gera conhecimento. No máximo, permite estabilizar e fixar certas rotinas. A boa prática, aquela que permite avançar para estágios cada vez mais elevados no desenvolvimento profissional, é a prática reflexiva.

Ao buscar desenvolver uma prática reflexiva, nos propomos a pensar sobre o nosso percurso formativo. Partindo dessas indagações, percebo que as formações do Programa Ecoa nos levaram a refletir sobre a importância do olhar, da escuta ativa e sensível nos processos formativos. Essa escuta é um caminho fundamental para criar laços, perceber o outro, mesmo por meio da tela do notebook. A equipe de formadoras do Cenpec nos convidou a nos lançar e a enveredar pelas perguntas, pelos questionamentos, sem medo de errar, afinal estamos todos na condição de aprendizes. Para isso, usaram a mensagem de Paulo Freire:

A impressão que eu tenho é de que existe mesmo isso, esse medo de perguntar, esse medo de arriscar-se, esse medo de aventurar-se espiritualmente, sem o que não é possível criar [...].

Enveredamos pela discussão sobre os princípios que orientam a nossa prática. Somos seres inacabados e isso possibilita nos debruçarmos em momentos formativos diversos e de forma respeitosa. Nosso desenvolvimento profissional/pessoal, o reconhecimento da escola como lócus de formação, a nossa constituição como professores pesquisadores, a nossa autonomia

intelectual que precisa ser respeitada, a potencialidade dos processos formativos centrados nos sujeitos e vinculada à importância do trabalho coletivo serão princípios balizadores desse processo. Não há receitas a seguir, mas sim diálogos que favorecerão a reflexão e a tomada de posicionamento sobre nosso fazer e agir pedagógico, compreendendo que, em Bakhtin e Volochinov (2014), a língua é dialógica, não no sentido restrito da palavra. Isso significa dizer que o meu discurso não se constrói sozinho, ou seja, a minha palavra não é minha, mas vai se constituindo a partir de outras anteriormente produzidas e busca dialogar com outras a serem produzidas posteriormente.



Patrícia das Graças Zanetti Carvalho

Equipe escolar de Poços de Caldas (MG)

Junho/2021

Tenho a necessidade de estar sempre me atualizando para obter melhores resultados na minha atuação profissional. Assim, considero a troca de experiências, a relação entre teoria e prática, o conhecimento e o estudo de novas práticas de ensino importantes para a promoção de oportunidades significativas de aprendizagem. Muitas vezes, os alunos apresentam dificuldades de leitura e escrita no início da alfabetização, que prejudicarão a apropriação deles do conhecimento para os anos seguintes. Acredito que a atuação dos professores alfabetizadores contribui para o sucesso, ou não, na alfabetização, sendo fundamental, portanto, investir na formação deles.

Após explicações, conversas, reflexões e troca de experiências nas formações do Programa Ecoa, compreendi alguns pontos importantes que devem ser considerados no nosso trabalho: a leitura deve estar presente na vida do aluno, deve fazer sentido e ser prazerosa para ele; é preciso ler para aprender a ler, compreender e buscar informações; é recomendado o uso de recursos diversos que auxiliam nesse processo; a participação da família é importante.



Vitória Raquel Pereira de Souza

Equipe escolar de São Luís (MA)

Junho/2021

Mas o ideal é que a escola me prepare pra vida.
Discutindo e ensinando os problemas atuais.

E não me dando as mesmas aulas que eles deram pros
meus pais.

Com matérias das quais eles não lembram mais nada.
(Gabriel, o Pensador, “Estudo errado”, 1995)

Refletindo sobre o que tenho a ver com o ensino de leitura e escrita, busquei nos versos da música de Gabriel, o Pensador, expressar meu entendimento, por agora, primeiro porque, para responder, posiciono-me como professora que compreende que o ideal “[.] é que a escola me prepare pra vida”. Assim, ensinar a ler e escrever é contribuir para que os estudantes se entendam como cidadãos, tendo acesso aos conteúdos construídos historicamente pela humanidade.

Essa compreensão do ato de ensinar, como uma ação sociopolítica, faz diferença na relação entre estudantes e professores, pois desconstrói a escola [tradicional] apresentada por Gabriel, o Pensador, em sua música. Desconstrói porque quando o professor compreende que é um agente social, também percebe a escola como agência de fomento de aprendizagens, onde, no caso da escola pública, às vezes, é o espaço em que as classes populares terão melhor acesso aos saberes sistematizados.

Nesse sentido, entendo minhas responsabilidades sociais e políticas como professora que diuturnamente luta para se desvencilhar das práticas pedagógicas tradicionais que alienam e constroem os estudantes, fazendo-os repetir e memorizar “[...] as mesmas aulas [vivenciadas por seus] pais. Com matérias das quais eles não lembram mais nada [...]”.

Busco me aproximar da ideia de ensinar “discutindo e ensinando os problemas atuais”, porque a leitura e a escrita libertam o sujeito de si e ajudam a entender o tempo presente.



Fernanda Monteiro Leão

Equipe escolar de Poços de Caldas (MG)

Junho/2021

Começamos a construir nossa identidade a partir do processo de ler o mundo, mesmo que de forma extraoficial, e, posteriormente, escrevê-lo sob a nossa óptica. A leitura de mundo começa ao nascermos, mesmo que não estejamos conscientes disso. Mas, mesmo sem ter consciência, vamos internalizando o que vemos, sentimos e experimentamos.

Toda essa vivência nos ajuda a construir nossa identidade. Todas as pessoas e todas as vivências que temos vão influenciar quem somos e o que fazemos.

Ao entrarmos numa escola e passarmos a fazer parte do processo formal de leitura e escrita, trazemos toda uma bagagem conosco e é fundamental que quem conduz esse processo formal saiba aproveitar e não rejeitar tudo o que trazemos.

Ciente dessa responsabilidade, sinto-me extremamente grata e comprometida ao conduzir a aprendizagem da leitura e da escrita. Comprometo-me a fazer isso com o maior respeito por quem aprende e também com o maior empenho em aprender e entender como fazer com que essa aprendizagem seja uma experiência agradável e significativa para todos que dela fazem parte.

Entendo também que a aprendizagem da leitura e da escrita não se encerra ao terminarmos o ciclo acadêmico, pois devemos sempre ressignificar o que lemos e o que escrevemos, ou como lemos e como escrevemos.



Márcia Nívia Nery da Silva

Equipe escolar de Poços de Caldas (MG)

Junho/2021

A leitura pode nos acolher e nos unir. Mesmo em tempo de pandemia, o espaço virtual nos limita, mas também pode nos aproximar. Conseguimos mais interação com a família. Antes, dávamos aula para o aluno, hoje envolvemos toda a família.

É fundamental que haja momentos de leitura para a criança e também para os familiares. A leitura por si só empodera. Temos que ler também pelo simples prazer de ler. Lemos para buscar informações, para estudar, para dominar a leitura, compreender e interpretar manuais de informação, montagem de aparelhos, jogos, brinquedos etc.

Quando planejamos nossa aula, nos preocupamos em chamar a atenção e, ao mesmo tempo, transmitir conhecimentos e aprender com os alunos. É uma troca de saberes, de emoções, de cultura e afeto.



Alcione Alves dos Reis

Equipe escolar de Poços de Caldas (MG)

Junho/2021

Sou alfabetizadora há 25 anos e apaixonada pelo meu trabalho. Vejo nele o grande compromisso de ensinar a ler e a escrever não apenas as habilidades mecânicas da codificação e decodificação da leitura, mas a capacidade do desenvolvimento da linguagem oral, ter o gosto por leitura, interpretar, adquirir autonomia, criticar, fazer leitura de mundo, de ser um ser criativo, para construir e desconstruir o que não é significativo para si, respeitando os direitos dos outros.

A pergunta é: o que tenho com isso diante do ensinar a ler e escrever?

Uma criança que aprende a ler e escrever “bem” aprende a interpretar o que lê, aprende a questionar, a comparar, a fazer reflexão e a buscar soluções. Sai da ignorância e passa a viver dentro do seu contexto social, mediante uma participação ativa como cidadão consciente dos seus deveres e direitos.



Sílvia de Pádua Maia Junqueira

Equipe escolar de Poços de Caldas (MG)

Outubro/2021

Ouvindo as colegas e seus relatos nas formações do Programa Ecoa, percebi que estamos no caminho da busca, da renovação, o que é muito gratificante. Os encontros me fizeram refletir sobre coisas que parecem resolvidas, mas que não estão e podem sempre ser melhoradas, acrescentadas, modificadas.

Tenho convicção de que, no fundo, algo mudou após a minha experiência no Programa. Ficaram em minha memória mais reflexões, trabalhos em união, registros e a certeza de que é muito importante essa troca.

Agradeço a todas as colegas de profissão que, com seus relatos, me fazem refletir e buscar novas estratégias, e também à equipe de formadoras do Cenpec por terem nos proporcionado essa troca de experiências e momentos tão agradáveis.



Wanessa de Paula de Oliveira Ribeiro

Equipe escolar de São Luís (MA)

Setembro/2021

Refletir sobre leitura e escrita depois dos encontros formativos realizados pelo Programa Ecoa se tornou uma ação, sem dúvida, muito mais profunda. Agora, nenhuma atividade de leitura ou de escrita, ou que contemple ambas, passa livre de ser questionada sobre sua qualidade e efetividade para nossos objetivos em relação aos alunos.

Diante dos questionamentos (essenciais) e da visão ampliada a cada novo tijolo de conhecimento acrescentado em nossa construção diária de professores e eternos aprendizes, vamos nos revendo, revirando, revisando, refazendo e reinventando nossas práticas com o desejo de levar sempre o melhor para os nossos alunos.



Silvana Régia Bittencourt Silva

Equipe da Secretaria de Educação de São Luís (MA)

Maio/2021

Pensar em alfabetizar é também pensar em olhar para o outro, enxergar sua maneira de ver, ouvir e sentir. Não conseguimos alfabetizar quando desconsideramos o sujeito que aprende.

Nos encontros formativos do Programa Ecoa, foi muito falado sobre a importância do nosso “lugar”. De onde venho? Onde estou?

Minha trajetória fala muito sobre a minha pessoa e o lugar que ocupo. Aponta a direção e o caminho que estou traçando e até permite saber se estou indo bem. Lembrar os processos que levam um sujeito a aprender é buscar memórias muito mais que técnicas. Nos relatos das colegas, percebeu-se como todas valorizam a alfabetização e amam educar. A memória afetiva desse processo ficou marcada em todos os relatos. Valorizar o outro e sua contribuição na nossa vida é essencial para percebermos que não construímos nada sozinhos e o outro do seu lugar nos acrescenta e amplia nosso olhar e experiências.

No lugar que estou trago muitos lugares, porque venho de muitos e estou em muitos e nunca desconsiderarei o outro como ser que contribui, agrega e soma.

Educar é viver! Não consigo me imaginar fazendo outra coisa porque amo o que faço e o lugar que ocupo, as pessoas com quem convivo, os desafios e dificuldades. Estudar e compartilhar experiências são exercícios que faço com prazer. Por isso, os encontros promovidos pelo Programa Ecoa foram tão estimulantes para mim, pois permitiram confirmar que estou rodeada de gente que sabe o que faz e que comunga objetivos, desafios e sentimentos.



Maria Antonia Rosa

Equipe da Secretaria de Educação de São Luís (MA)

Outubro/2021

Vou compartilhar com vocês
O que consegui aprender
No encontro anterior
Que começou com “acolher”
Um acolhimento bacana
Acredito que foi pra valer.

A leitura, não pude ouvir
Do livro *Ondjaki Ynari*
A menina das cinco tranças
Que não consegui assistir
Mas que em outro momento
Acreditem, eu li.

Guayarê, outro livro interessante
Um indiozinho que mostra sua aldeia,
Amigos, escola e tradições,
De um jeito tão gostoso
E de uma forma impressionante.

Na parte de espremer a memória
Vou ficar devendo a vocês
Por não estar presente no encontro

nessa parte da estrofe
peço desculpas e passo a vez.

Escolher palavras para destruir...
Nessa parte dá pra fazer
Respirei fundo e até sorri
Querendo participar da atividade
Sem precisar sofrer.

Lendo o trecho do livro *Ynari*
Lembrei que em alguns momentos
Na experiência como formadora,
Algumas palavras, nos trazem tormentos.
Às vezes nos deixando muito tristes
E nos causando aborrecimentos.

Algumas delas queria apagar:
Reprovação, desistência, analfabetismo.
Desilusão, incapacidade e discriminação.
Substituindo por amor, esperança,
Igualdade para todos e todas
Por meio da Educação.

Ynari nos ensinou uma grande lição,
Que podemos ser pequeninos,
Mas ter um grande coração
Colocando sentimentos bons
Amando a natureza e o nosso irmão.

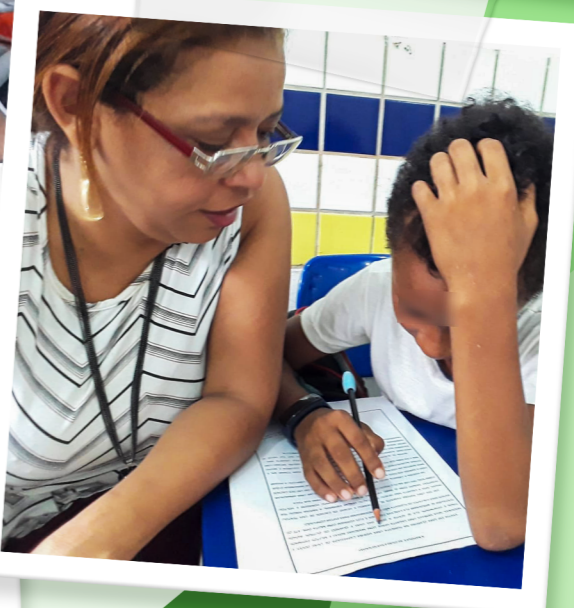
No tecer da compreensão
A pessoa, o lugar e a história
Foi a grande discussão

O que nos iguala, ou diferencia,
Com certeza, é o coração.

Bom mesmo era estar presente na formação
Confesso que me esforcei em fazer esta lição
Agradeço a quem me enviou a apresentação
Para que eu fizesse minha atividade
E não perdesse minha participação.

MOSAICO DE PRÁTICAS

Juruti, Poços de Caldas e São Luís



SEÇÃO 3:

Aprendizados, desafios e reflexões promovidos pela formação: compartilhando registros



Seção 3

Aprendizados, desafios e reflexões promovidos pela formação: compartilhando registros

A importância da orientação da palavra para o interlocutor é extremamente grande. Em sua essência, a palavra é um ato bilateral. Ela é determinada tanto por aquele de quem ela procede quanto por aquele para quem se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente o produto das inter-relações do falante com o ouvinte. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”.

(Valentin Volóchinov, [1929], 2017, p. 205)

Quando cada sujeito que enuncia coloca a sua palavra no mundo, exercita a ponte entre palavras, entre consciências. O enunciado é a unidade da comunicação discursiva, pois possibilita a relação vivida entre os sujeitos. Quando uma pessoa enuncia, ela convoca o outro à escuta, e quando a escuta acontece, os sujeitos podem aprender mais sobre si e sobre os outros.

No processo formativo, é preciso exercer a escuta de todos os sujeitos, atentar-se à enunciação de cada consciência singular, pois apenas assim poderemos tecer caminhos para a construção efetiva do coletivo.

A singularidade acolhe a diversidade quando a palavra de cada um importa. Assim, construímos a compreensão de que não é possível homogeneizar as relações, muito menos os processos de ensino e de aprendizagem.

Nesta seção, você também encontrará enunciados das educadoras que participaram do Programa Ecoa, em 2021, seus aprendizados, desafios e reflexões promovidos pela formação.



Sandra Maria de Sousa Tavares

Equipe da Secretaria de Educação de Poços de Caldas (MG)

Setembro/2021

Aprender é...

Aprender é trocar boas ideias

Compartilhar o que sabemos com o outro

Ouvir o que ele tem a nos ensinar

É construir juntos um conhecimento novo.

Aprender é ler, escrever, contar, imaginar...

Descobrir coisas novas

Acolher o que o outro tem a dizer

Contribuir com nossas opiniões e argumentos.

Aprender é estar sempre aberto a novos desafios

Somar e multiplicar alegrias e conquistas

Dividir sonhos e subtrair obstáculos

Construindo conhecimentos a cada dia.

Aprender é viver!



Lúcia Fernanda Sousa e Sousa Marques

Equipe da Secretaria de Educação de São Luís (MA)

Agosto/2021

A leitura de alguns registros reflexivos nos encontros formativos do Programa Ecoa me fez refletir o quanto eles são importantes, pois, além de ser uma retomada do encontro anterior, facilitou a compreensão para aqueles que, em algum momento, se perderam ou não participaram do encontro. E mais: nos fez buscar leituras de assuntos que nos aguçavam a curiosidade.

Segundo Ostetto (2012, p. 20), “o registro trata-se de fazer e trazer para a consciência a ‘coisa feita’. A escrita traz/faz revelações e amplia a consciência do educador”. Pontes (2011, p. 2) afirma que “registrar de forma reflexiva o que vivencia significa ‘pensar reflexivo’, ou seja, lançar um olhar sobre uma situação ou um objeto, a fim de elaborar uma análise”.

Ao fazer uso do registro, podemos analisar pontos importantes da nossa ação, fazendo-nos avançar, retomar ou melhorar a prática profissional. Hoje, tenho outro olhar para essa temática. Percebo que o registro reflexivo possibilita repensar nossas práticas, organizar melhor o trabalho a ser desenvolvido e avaliar ações propostas de modo a garantir um aprendizado mais consistente.



Andréa Batista Silva

Equipe da Secretaria de Educação de São Luís (MA)

Maio/2021

Os encontros formativos do Programa Ecoa trouxeram à tona questões relativas ao olhar como forma de me enxergar e de me permitir ser vista. Nesse sentido, alfabetizar também é um ato de respeito ao olhar do outro: suas dificuldades, erros e acertos, sem, contudo, deixar de impregnar esse ato com meu modo particular de conceber a alfabetização.

O meu lugar de fala me possibilitou voltar a alguns anos atrás e rememorar acontecimentos que me permitiram chegar ao lugar em que hoje me encontro. Esse processo me possibilitou refletir sobre o quanto a trajetória é longa, contínua e inacabada, pois somos seres em constante formação. Também foi possível refletir sobre o quanto nossos pares nos impregnam de seus olhares e impressões. Na verdade, somos uma colcha de retalhos costurados pelo constante vai e vem das experiências às quais somos submetidas nesse percurso de nossas formações profissional e pessoal.

Alegra-me perceber o quanto de pertencimento pude construir com esse grupo. Vi-me presente em alguns relatos e também trouxe em meu depoimento muito do que vivemos juntos entre cursos, formações, dificuldades e vitórias construídas a muitas mãos.



Luziane Rodrigues Araújo

Equipe da Secretaria de Educação de São Luís (MA)

Junho/2021

Um dos momentos mais importantes das formações do Programa Ecoa foi a oportunidade de ouvir as colegas por meio da leitura dos registros reflexivos. Com isso, identificamos o que nos chamou atenção (alguma similaridade ou contradição com o nosso relato).

Segundo Madalena Freire Weffort (1996, p. 41), “mediados por nossos registros, reflexões, tecemos o processo de apropriação de nossa história, a nível individual e coletivo”. Assim fizemos. Diante dessa atividade, percebe-se o quanto é importante registrar, refletir sobre o escrito e ler para o outro. É um momento de partilha, ressignificado de ações que promovem melhoria constante.



Edileide Santos Lima

Equipe da Secretaria de Educação de São Luís (MA)

Maio/2021

No momento de socialização das trajetórias dos participantes das formações do Programa Ecoa, sentíamos um certo prazer e identificação nas falas. Pensei sobre o quanto essas discussões poderiam nos ajudar a aprender mais, a contribuir mais e poder sentir aquele friozinho na barriga mais vezes, aquele que sentimos quando, de repente, ao final do ano letivo, nosso aluno começa a fazer leituras e produzir textos.

E quando lemos um texto construído pelo nosso aluno que nem ao menos conhecia todas as letras no início do ano letivo? Ah, isso é muito satisfatório e valem muito a pena todos os esforços dispensados!

Só conseguia pensar no quanto eu amo ser educadora e no quanto amo contribuir para uma sociedade melhor, mais justa, mais humana e, percebia, a cada momento, o quanto fazia sentido tudo que era falado. Como a necessidade de uma formação na perspectiva de construção contínua, de desenvolvimentos pessoal e profissional, era necessária! A importância das formações em nossa constituição e na constituição do outro.



Janaina Cunha Borges Felicio

Equipe escolar de São Luís (MA)

Agosto/2021

As atividades desenvolvidas nas formações do Programa Ecoa me fizeram rememorar vários episódios da minha vida. A leitura do poema de Manoel de Barros, por exemplo, me reportou à infância. Meus desenhos rebuscados e bilhetes que recebia e/ou enviava ao namoradinho da adolescência.

Também foi interessante saber que meu desabafo no grupo de *WhatsApp* gerou reflexão em uma colega, a qual nunca tive o prazer de ver pessoalmente.

Essa escuta responsiva, presente nos encontros formativos, nos possibilitou diálogos infinitos, em especial ao retomar a análise das atividades (agora sob mais olhares). Olhares diferentes sobre um mesmo material, se podem causar *frisson* em nós, imagine o que são capazes de fazer em nossos alunos!



Fabiana Alves

Equipe escolar de São Luís (MA)

Setembro/2021

Das formações do Programa Ecoa, a contação de histórias foi o que me fez voltar no tempo, quando estudava e pegava os livros infantis para ler. É tão bom viajar na literatura infantil! A leitura tem que fazer parte do cotidiano do aluno, pois tudo é interpretação, seja escrita ou falada. Lendo, o aluno saberá compreender melhor o que o outro lhe diz.

Como professora de uma escola rural, adoro ler para os meus alunos, principalmente os “causos” folclóricos. Eles adoram e eu também! Deixava um ar de suspense para o dia seguinte. Eles chegavam perguntando que horas eu ia continuar a leitura, enfim.

No ensino remoto, ler para eles não tem o mesmo entusiasmo de antes, pois o áudio não é a mesma coisa de quando estávamos em sala de aula, onde os olhinhos brilhavam de curiosidade.



Suziane Regina Cunha de Moura

Equipe da Secretaria de Educação de São Luís (MA)

Junho/2021

As formações do Programa Ecoa proporcionaram momentos ricos, como a leitura dos registros reflexivos dos docentes. A tarefa era realizar uma escuta atenta, procurando identificar algo que nos chamasse atenção, alguma similaridade ou contradição com o nosso relato, e registrar nossas observações.

O registro ou a escrita é sempre um grande desafio, uma habilidade a ser desenvolvida com muita prática. Sempre acho a atividade de escrita um momento que nos proporciona aprendizagem, conquistas, reflexões e oportunidade de rever práticas.

A leitura de fragmentos das cartas sobre a experiência das participantes no processo de alfabetização, mais uma vez, oportunizou a escuta de experiências diversas com a alfabetização.

Fiquei muito feliz e emocionada com a leitura do fragmento que marcou muito minha vida. Como é maravilhoso o resgate das memórias!



Rosilene de Jesus Santos Ferreira

Equipe da Secretaria de Educação de São Luís (MA)

Junho/2021

Para mim, um momento muito emocionante da formação do Programa Ecoa foi a apresentação dos trechos dos memoriais enviados pelas participantes, pois, por mais que tenhamos uma relação próxima no ambiente de trabalho, algumas situações nos proporcionaram surpresa por conhecer histórias de vida que nunca imaginávamos que alguma colega havia vivido, além de nos levar a pensar em nossos estudantes: como eles nos veem como professoras em suas vidas? Que memórias vamos deixar em suas mentes? Boas? Más? Acolhedoras? Carrascas?

Isso porque vivências como essas deixam marcas eternas.



Ana Martinha Pinheiro

Equipe da Secretaria de Educação de São Luís (MA)

Maio/2021

Um dos momentos da formação promovida pelo Programa Ecoa que me marcaram foi a apresentação dos participantes direcionada pela pergunta “De que lugar falamos nós?”.

Fomos levadas a rememorar a nossa alfabetização e os primórdios da nossa atuação no trabalho como educadoras. Foi um momento muito importante de encontros com outras colegas e de fala nossa e escuta do outro: algo muito importante para entendermos as memórias, histórias de vida pessoal e profissional, os porquês de ser professora/educadora. Enfim, foi um momento de se reencontrar e refletir sobre a própria trajetória.

Como diz o ditado africano: “O rio que esquece sua fonte seca. O homem que nega suas origens não existe” (Olúségun Akínrúli).



Rosa Maria Martins Alves

Equipe da Secretaria de Educação de Poços de Caldas (MG)

Setembro/2021

Compartilho, neste relato, algo que considero importante. Para você, o que é uma boa obra literária? Aquela que proporciona prazer quando se debruça sobre ela? Aquele que fala da sua realidade? Aquela que dialoga com você? Aquela que traz reflexões? O que devemos fazer para motivar nossos alunos à leitura?

Noto que é necessário a tarefa de leitura ser motivadora em si mesma. O papel do professor é fundamental, criando interesse e sendo entusiasta na apresentação que faz. Os materiais oferecidos são importantes, pois são suportes de leitura que constroem significados e produzirão letramento.

Outra colocação importante: o leitor precisa colocar-se em pé de igualdade com o ouvinte, pois, assim, haverá sintonia, conexão e produtividade. A leitura é a base e sua motivação é imprescindível, pois ler é compreender, é construir significados e garantir êxito; exige que o ouvinte se sinta motivado e seu interesse seja mantido ao longo da leitura, conforme relata Solé (1998).

Ao refletir sobre tudo isso, notamos a importância da escola, pois, como afirma Vygostky (1991, *apud* Koshino, 2011), a apropriação dos conhecimentos só acontece por meio da interação social/cultural da criança com o meio e de forma mediada.



Ana Cintia Pereira da Silva

Equipe escolar de Juruti (PA)

Junho/2021

No decorrer da formação, foram lidos livros, ressaltando-se a importância de explorar a capa, o título e as ilustrações antes de iniciar a leitura para despertar a curiosidade dos alunos. Nesse contexto, entendi como é importante na hora da leitura, em sala de aula, explorar o livro como um todo, não só ler o texto. A entonação da voz também é muito importante para atrair a atenção das crianças durante a leitura, pois isso despertará ainda mais a curiosidade dos alunos e fará com que sintam mais prazer na hora de ouvir a história de um livro, incentivando-os ao hábito da leitura, não só na escola, mas também em casa.

Diante disso, entende-se que a leitura no ambiente escolar é uma rotina enriquecedora, pois servirá de alicerce na vida escolar das crianças para que se tornem leitoras assíduas e cidadãs atuantes inseridas na sociedade.

Refletimos também sobre o que sabem/pensam as crianças que ainda não sabem ler nem escrever convencionalmente. A equipe do Programa Ecoa deu uma importante dica para as docentes prestarem atenção na leitura das crianças e ouvirem delas o que desejam da leitura. A criança precisa participar das escolhas para o planejamento e propor situações de leitura a serem desenvolvidas. Brincar de ler é fundamental para a formação do comportamento leitor.

As formações do Ecoa estão sendo de suma importância para mim como docente atuante em sala de aula, pois me fazem refletir sobre a minha prática no ensino da leitura e da escrita e estão colaborando muito para o aprimoramento de minhas práticas.



Juniangela Lopes de Lima

Equipe escolar de Juruti (PA)

Dezembro/2021

Quando ainda era estudante, admirava a profissão de professora. Via a forma como minha professora de alfabetização ensinava. Era uma pessoa iluminada, amável e sábia. Conduzia a aula de forma lúdica.

Já formada no magistério, em 2001, fui desafiada a trabalhar no meio rural com uma turma multisseriada. Foi meu primeiro emprego assalariada, uma experiência ímpar. Mesmo com tantos desafios, foi gratificante. Ajudar no ensino/aprendizagem daquelas crianças não tinha preço. Tive a experiência de vivenciar os trabalhos comunitários e acompanhar o perfil das lideranças que ali viviam. A parceria foi fundamental nesse processo.

Em 2004, pela necessidade de estar perto da minha família, passei a trabalhar na zona urbana. Nesse período, ingressei na faculdade para cursar Pedagogia. Ainda como professora contratada, passei alguns “perrengues”, tendo que custear meu próprio curso. Mas como conhecimento sempre é muito bom, fui firme e consegui concluir. Após isso, prestei concurso público municipal. Já graduada, tive o privilégio de passar. Hoje, sou professora efetiva com graduação, consegui fazer duas especializações e sou grata a Deus por tudo que conquistei.

Atuo na Escola Municipal Elza Albuquerque de Lima desde 2018. Atualmente, ministro aulas para turmas do 5o ano do Ensino Fundamental e tive a oportunidade de ser convidada a participar do referido curso proporcionado pelo Programa Ecoa.

Falar do curso me faz lembrar o quanto, às vezes, pecamos no ato de ensinar. Para mim, como profissional, foi de grande importância participar dessa formação de Língua Portuguesa, principalmente nas atividades que organizamos para os alunos. Foram momentos de grandes aprendizados, pois tive a oportunidade de ter como formadoras duas mulheres de um profissionalismo excelente. Apesar de ser de forma virtual, podíamos perceber o quanto foram acolhedoras e incentivadoras.

A cada encontro, havia um novo olhar pautado nas vivências de cada participante e sua realidade. Recordo-me dos materiais disponibilizados para leitura, das conversas e dos questionamentos.

O que ficou como marca dessa formação foi: O que ensinar? Como ensinar? Para que ensinar?

Para mim, essas perguntas trazem uma reflexão acerca do que pretendemos ensinar para nossos alunos nos dias atuais, o que realmente é importante nesse processo do ensinar/aprender. Aprendi muito. Sei que isso vai contribuir para o aperfeiçoamento do meu trabalho em sala de aula.



Eliana Junqueira

Equipe da Secretaria de Educação de Poços de Caldas (MG)

Setembro/2021

A velha história

Cada dia eu aprendo mais...

Com diálogo, humanidade e organização.

Na troca de conhecimento,
na contação de histórias e na socialização.

Riqueza na troca diária inserida,
quadrinhos, cruzadinhas, caça-palavras
e toda letra conferida.

No contexto estou bem atenta,
sempre motivada pelas surpresas da vida.

Sei bem na teoria, sobre regras e motivação.

Na prática estou aprendendo
muitas coisas, sempre é bom!

Agradeço todo dia por esta determinação.

Na memória vou guardar todo aprendizado,
cada linha escrita, lida e contada.

Pra depois me lembrar
da velha história e do legado.



Marcos dos Santos Souza

Equipe da Secretaria de Educação de São Luís (MA)

Maio/2021

Em um dos momentos da formação promovida pelo Programa Ecoa, foi feita uma reflexão partindo do seguinte questionamento: “De que lugar nós falamos?”. Cada participante pôde falar um pouco sobre sua trajetória da vida, acadêmica e profissional. Também foram socializadas as razões para enveredar pelo universo da educação.

Destaco que alguns participaram da formação inicial de certas colegas de trabalho. Desse modo, os primeiros passos do processo formativo acadêmico foram evidenciados, assim como a importância das trocas nos percursos das formações inicial e continuada, além do reconhecimento por ter contribuído na preparação para a profissão.

SEÇÃO 4:

Experiências com os estudantes: um universo de possibilidades



Seção 4

Experiências com os estudantes: um universo de possibilidades

Não há docência sem discência.

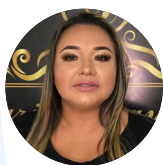
Paulo Freire (1996, p. 12)

Tão necessário quanto planejar uma ação pedagógica, é considerar verdadeiramente a importância da escuta dos estudantes. O processo de conhecimento não é algo linear, oferecido de um sujeito para o outro, mas é a compreensão de que a relação entre ensino e aprendizagem implica sujeitos em diferentes posições e a escola precisa atuar a favor dos estudantes e de suas aprendizagens sempre.

Compartilhar o que pensamos e vivemos com os estudantes nas escolas é ato essencial nos processos formativos, para que possamos partir das situações reais e de seus contextos e construir projetos pedagógicos que respondam às necessidades dos territórios e de seus sujeitos.

Partir da experiência significa também explicitar os princípios, as crenças e as escolhas pedagógicas para compreendê-las melhor e exercer o ato educacional de maneira consciente e intencional.

Nesta seção, você encontrará textos que narram as experiências das profissionais na relação com os estudantes, situações de tensão, dilemas, aprendizados, alegrias e tristezas, todas constituintes do fazer pedagógico.



Suzianne Guimarães

Equipe escolar de Juruti (PA)

Setembro/2021

Ao longo desse ano letivo, as ações pedagógicas sofreram adaptações em razão do nosso contexto social. Sabemos que foram muitos desafios e nós, professores, também. Nesse período, precisamos muito de apoio e união de todos: Secretaria de Educação, gestão escolar, professores, alunos e suas famílias.

Pensando em qual seria a melhor estratégia para que os cadernos de atividades remotas chegassem até os alunos, sem que fosse preciso eles irem à escola buscar, chegamos ao acordo de que os professores levariam as atividades impressas à casa dos alunos, pois eles moram distante da escola e seria um sacrifício muito grande irem buscar as atividades.

Para chegarem à escola, teriam que ir de rabeta, correndo riscos devido às correntezas do rio. Então, levamos as atividades até eles para que recebessem as explicações necessárias dos professores e tirassem dúvidas a respeito do assunto.

Dessa maneira, a Secretaria de Educação fornecia transporte para que os professores fizessem a entrega dos cadernos, fazendo uma viagem a barco ou lancha pelo Rio Amazonas e seus Paranás. Passávamos o dia todo nas entregas, voltávamos para casa só à noite e, no dia seguinte, íamos de novo. Essa aventura durava de dois a três dias. Chamo de aventura o nosso trabalho, pois, algumas vezes, enfrentamos grandes ondas e correntezas em meio à tempestade no Rio Amazonas e pedíamos abrigo nas casas dos moradores da região, mas voltávamos com o coração preenchido por acreditarmos ter alcançado todos os nossos alunos de maneira satisfatória, incluindo tanto os que moram bem próximo à escola quanto os que moram na comunidade mais distante, que é retiro do Irateua.

Usamos essa estratégia para facilitar a vida deles, pois no Paraná de dona Rosa e retiro do Irateua não tem internet e a maioria dos alunos não possui aparelho celular. Porém, com a baixada das águas, nem sempre é possível

passar com a lancha por essas regiões. Fiquei pensando o quão difícil é a vida dos alunos que, sem acesso a celular e internet, não conseguem pesquisar algo que não tenha nos livros e quão difícil é a vida da professora que mora lá e tem que ir à cidade.

Nós, professores que trabalhamos na zona rural (comunidades ribeirinhas), enfrentamos muitos desafios, mas com isso conhecemos a vida dos nossos alunos bem de perto. É necessário chegar até eles para explicar como as atividades serão desenvolvidas, pois, para alguns, essa é única interação até a devolutiva das atividades.

Sempre nos fizemos presentes orientando as famílias para que soubessem que, apesar do distanciamento, estaríamos sempre presentes na vida educacional de seus filhos.

Entendemos que é muito importante registrar a trajetória das aprendizagens dos alunos, seu desenvolvimento e suas conquistas, por isso registramos e acompanhamos a aprendizagem deles, por meio de relatórios, devolutivas e fichas de acompanhamento.



Ana de Cássia Santos Silva

Equipe escolar de São Luís (MA)

Junho/2021

O passado é lição para se meditar, não para reproduzir.
(Mário de Andrade)

É com esse pensamento que inicio a reflexão sobre ler e escrever. Sou professora concursada nos municípios de Rosário e São Luís. No período de 1994 a 2019, fui gestora na escola de Educação Infantil Pré-Escolar O Coelho, em Rosário, e, a partir de 2002, assumi por concurso em São Luís, iniciando minha trajetória docente até os dias atuais, na Unidade de Educação Básica Evandro Bessa, situada no bairro Estiva.

Ressalto que minha experiência como gestora me possibilitou observar o corpo docente, seu envolvimento com o fazer pedagógico, sua disposição em realizar autoavaliação e, principalmente, perceber o método de ensino de cada professora e como isto influencia no processo de aprendizagem de cada criança.

No início da minha carreira docente, acreditava que as ações de ler e escrever estavam associadas à repetição de letras, como se as crianças fossem um depósito de informações repetidas para desenvolver a habilidade leitora. Ao longo dos anos, passei a considerar minhas observações como gestora e várias situações presentes em sala de aula, como estudantes que não conseguiam ler, mesmo diversificando as estratégias; outros estudantes que tinham muita dificuldade em compreender um comando; alguns com déficit de atenção e outros assíduos; estudantes que possuíam acompanhamento familiar, empenhados em todas as atividades desenvolvidas fora e dentro da sala de aula, mas que não conseguiam desenvolver a leitura na série prevista.

Então, comecei a me questionar: preciso esperar o nível em que o estudante está ou não para intervir? Como posso aprimorar minhas práticas pedagógicas para dar conta de ensinar a ler e escrever aos que ainda não

desenvolveram essas habilidades? Essas questões me fizeram meditar sobre o passado e buscar novos caminhos para ensinar a ler e escrever.

Uma das estratégias que marcaram minha experiência docente foi a utilização de dicionários para ensinar uma aluna do 4o ano do Ensino Fundamental a ler. A alegria ao ver uma estudante que chega à sala de aula sem ter noções de palavras e, ao final do ano letivo, passa a ler e escrever com poucos erros ortográficos é maravilhosa!

O ato de ler e escrever é uma atribuição de todos os professores, em qualquer etapa de ensino. A depender da etapa em que estejam os estudantes, do seu convívio social e da forma como são entendidas as práticas de linguagem, podemos concebê-las por meio do diálogo, da interação, fala, discussão, escrita, reescrita, leitura e criação de enunciados. Esse entendimento me fez perceber a função social da leitura e escrita em uma sociedade que se comunica de modos distintos.

Por lecionar na 4a série do Ensino Fundamental (atualmente denominada 5o ano), receber em sala de aula estudantes com dificuldades diversas e entender o exercício de minha profissão, ao longo do tempo, me fez buscar meios para que os estudantes vissem na leitura uma forma de comunicação social.

Acredito que o ato de ensinar a ler e escrever tem tudo a ver comigo, pois foi essa busca constante que me ajudou a meditar para não reproduzir.



Isabel Cristina da Silva Nascimento

Equipe escolar de Poços de Caldas (MG)

Junho/2021

Ler e escrever é encantador, pois nos faz refletir, usar a imaginação, criar novas fantasias e sentimentos, novos caminhos, nos faz crescer, transformar nossa forma de pensar e analisar com mais clareza o que desejamos fazer.

Nem sempre encontramos isso em sala de aula, onde nós, professores, temos que alfabetizar, cumprir regras e conteúdos predefinidos para aquele ano. Não é fácil! Há muitas crianças com dificuldades. Temos que preparar vários tipos de planos de aula para alcançar cada uma delas. Dá um sentimento de vazio, de incapacidade do que está sendo feito, de insegurança sobre estar fazendo certo ou errado. A gente sente uma tristeza gigantesca, chega a ser frustrante e amargo.

Uns precisam mais de atenção do que outros. Há aqueles que não demonstram interesse em nada proposto e também aqueles que, com amor e alegria, encantam e nos colocam para pensar, refletir e procurar um sentido para alcançar o objetivo verdadeiro que é o de ensinar a ler e escrever, com amor, dedicação e entusiasmo.

Vou contar a experiência que vivi com uma turma de 3o ano. Ao longo dos anos de vivência em sala de aula, paramos e pensamos sobre o que é melhor para levantar a autoestima e o astral dessas crianças. O que fazer para que elas entendam e aprendam, da melhor forma possível, o processo de leitura e escrita? O medo, o negativismo e a falta de autoestima fazem a criança sofrer e não conseguir aprender.

Pensei: “Está tudo errado!” e virei a página. Entrei no mundo de cada um dos meus alunos e pude entender que estava errada. Comecei a refletir com eles. Aos poucos, fui descobrindo o brincar, o contemplar tudo que vemos na natureza ao nosso redor, no pátio da escola e, assim, fomos transformando a nossa escola em sala de aula. Jogos, brincadeiras, histórias malucas, fantasias, o faz de conta, tudo isso fazia parte da nossa sala de aula. Foi fantástico! Minha turma era considerada difícil. Grande parte dos alunos tinha dificuldades

de aprendizagem. Era considerada coitada e, ao mesmo tempo, ouvia: “Ela só brinca com os alunos. Quero ver no final do ano”. Posso dizer que foi um sucesso, que valeu a mudança de postura! Vários alunos ganharam concurso de crônicas e poesias em diversas categorias.

O mais gratificante foi ouvir de um aluno considerado difícil: “Você foi a tia mais legal que tive até hoje!”. Ele tinha 12 anos, porém idade mental de 5 anos, em uma turma de 3o ano. A emoção e a gratidão tomaram conta de mim!

Desde então, venho sempre renovando minha forma de ensinar a alfabetizar. Somos capazes, mas temos que estar sempre abertos e em busca do conhecimento, da aprendizagem, ainda mais agora neste tempo em que estamos vivendo, para melhor enfrentarmos esse desafio.



Solange Sousa Araújo de Oliveira

Equipe da Secretaria de Educação de São Luís (MA)

Maio/2021

Escrever sobre alfabetização me reporta à sala de aula, quando iniciei minha trajetória como professora e o maior desafio foi investigar a veracidade dos fundamentos teóricos que tanto enfatizei e estimei como formadora de professores alfabetizadores, se eram significativas e se correspondiam às verdades que abordava durante a tematização da prática pedagógica.

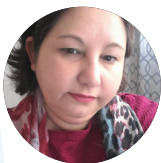
Comecei com uma turma do 1º ano, no turno matutino, em uma escola da rede municipal. Quando cheguei à sala de aula, as crianças ficaram muito curiosas, pois estavam havia meses sem professor. Depois de uma conversa inicial para conhecer a turma e das devidas apresentações, iniciei o diagnóstico na leitura e na escrita e constatei que a maioria da turma estava no nível pré-silábico. Então, comecei a trabalhar listas, nomes próprios, crachás e tinha uma rotina de leitura de vários gêneros textuais.

Lembro-me, especialmente, de uma aluna que se chamava Larisse², simpática e muito risonha, porém com dificuldade para aprender tudo que eu ensinava. Essa aluna me proporcionou muitas noites em claro, pesquisando e estudando estratégias e recursos que poderiam me ajudar a entender e trabalhar atividades significativas e fazer intervenções pontuais para que os estudantes, em especial ela, pudessem avançar em suas aprendizagens.

Após um processo contínuo, de inúmeras tentativas, com as mais diversas atividades, sugeri um jogo. Larisse participou da atividade e chorou ao conseguir escrever e ler uma frase curta. Aquele momento foi muito importante para nós duas! Ficamos muito emocionadas e, a partir daquele dia, o seu desenvolvimento foi significativo, pois ela mudou o seu olhar e suas atitudes. Parecia ser outra criança, mais confiante e decidida.

Finalizo este relato enfatizando que a aprendizagem significativa perpassa pela mediação do professor com o estudante, o objeto do conhecimento e a própria construção de saberes.

² Nome fictício.



Elaine Cristina Gimenes

Equipe escolar de Poços de Caldas (MG)

Outubro/2021

Dedico este relato à minha amada escritora Cecília Meireles, que me fez apaixonar pelos poemas, paixão que levo para a sala de aula. Vou comentar como vejo o trabalho com poemas.

Por mais que os poemas sejam encantadores e bonitos, o trabalho é complexo. O poema é um texto literário com muitas especificidades próprias, que, no início, não é de fácil compreensão pelos alunos menores. São versos, métrica, estrofes, rima e ritmo. Então, como trabalho com os menores? Foco, primeiramente, na diversão, na emoção que a leitura de uma poesia nos traz, para depois começar o trabalho com os poemas. Existe uma diferença entre poesia e poema. Gosto de brincar com as poesias e escrever versos com os alunos. Acredito que, no início do trabalho, é importante que eles se sintam à vontade com esse tipo de leitura, com a sonoridade que a poesia e o poema têm.

Em um segundo momento, procuro levá-los a expressar sentimentos com palavras em versos. Aproveito poemas com rimas para trabalhar essa habilidade cognitiva importante no processo de aquisição da leitura e escrita. Aliteração/rima fazem parte de uma pirâmide de dez habilidades essenciais ao desenvolvimento da leitura e escrita. A continuidade depende de cada turma.



Gessi de Brito Santarém

Equipe escolar de Juruti (PA)

Setembro/2021

Vou relatar uma coisa “bacanuda” que aconteceu na Escola Elza Albuquerque de Lima: “O Projeto Eco Cultural: resgatando raízes da cultura amazônica e fortalecendo a consciência de preservação ambiental”, por meio de atividades que envolveram toda a comunidade escolar.

O projeto foi sensacional! Toda a comunidade escolar se envolveu e foi muito positiva a participação da família nesse projeto. Conseguimos alcançar o objetivo proposto. Houve reaproveitamento de vidro, metal, plástico, papel e tecidos, confecção de produtos feitos pela família para exposição, desfile de alguns personagens místicos da cultura amazônica, música, dança e outras apresentações.

Cada turma ficou com um tipo de material para reaproveitamento e reciclagem. A minha turma do 2o ano foi responsável por produzir materiais de reaproveitamento de tecidos.

Para o desfile na culminância do projeto, cada turma ficou com um personagem lendário. A minha turma ficou com a lenda da lara. Foi linda a apresentação!

SEÇÃO 5:

Desafios para a Educação na pandemia



Seção 5

Desafios para a Educação na pandemia

No final de 2019 e no começo de 2020, o mundo foi acometido por uma situação singular dramática: a pandemia causada pela Covid-19. Mais de 1,2 bilhão de estudantes foram afetados pelo fechamento de escolas (72% da população escolar mundial), de acordo com a Unesco (2020).

No Brasil, segundo um levantamento realizado pelo Cenpec (2020), em abril, todos os estados e 91% dos municípios estavam com aulas suspensas temporariamente ou com antecipação de férias.

Embora o isolamento social tenha sido a medida mais adequada, em razão do potencial contágio do coronavírus, esse período de interrupção impactou a educação, repercutindo no planejamento das políticas educacionais elaboradas pelas equipes técnicas das Secretarias de Educação, nas atividades pedagógicas planejadas pelos gestores escolares e pelos docentes e, sobretudo, impactou a vida acadêmica de inúmeras crianças e adolescentes.

Nesta seção, você encontrará textos que narram os desafios enfrentados pelos profissionais da educação na nova reconfiguração do trabalho na educação remota imposta pelas condições sanitárias.



Ana Cristina Aquino Simionato

Equipe escolar de Poços de Caldas (MG)

Junho/2021

Sabemos que a apropriação do mundo das letras acontece de forma individual, é um processo que requer ensaios, tentativas e erros. A criança é um ser explorador e curioso por natureza, adora desafios e gosta de criar, inventar, montar e construir. Portanto, é importante que ela seja inserida em um ambiente que lhe proporcione “o querer” apropriar-se do mundo das letras.

As aulas remotas nos trouxeram inúmeros desafios, não só para nós, professores, creio eu, mas principalmente para todas as famílias e todos os indivíduos que fazem parte da comunidade escolar. Tivemos que repensar novos meios para que a educação chegasse a todos sem exceção.

O maior desafio que nos preocupa atualmente é saber, pelos meios remotos de comunicação, como nossos alunos estão assimilando o que lhes é ensinado, tendo em vista que estamos vivenciando uma pandemia que assola todos de diversas maneiras. A maior preocupação que abrange os lares dos nossos alunos é, nesse momento, ter comida na mesa, um teto e um emprego. Sendo assim, a educação tem um espaço pequeno diante dos desafios maiores de sobrevivência.

Eu me sinto desafiada todos os dias. Sinto-me de mãos atadas quando percebo a dificuldade dos meus alunos ou até mesmo falta de interesse e motivação. Sinto que muitos deles estão sem perspectivas de dias melhores e a consequência de tudo isso é abandonar o mundo das letras. É verdade que alguns conseguiram se adaptar a essa nova realidade e continuam avançando mesmo com dificuldades e limitações.

Por isso, tenho buscado ideias, trocar conhecimento, inovações, novas perspectivas para que, por meio do meu trabalho, possa trazer de volta aos meus alunos, às suas famílias e aos responsáveis um ambiente motivador em que a escrita e a leitura sejam capazes de ações transformadoras no futuro.



Gislene Costa Albino Barbosa

Equipe escolar de Poços de Caldas (MG)

Junho/2021

Sou professora alfabetizadora na Escola Municipal Dona Mariquinhas Brochado. Nunca imaginei que um dia fôssemos alfabetizar de forma remota, numa fase em que a criança precisa estar na escola. De repente, a escola precisou ser fechada e tínhamos que transformar a casa em escola, sem nenhum apoio. Começamos a correr para descobrir como ensinar a distância, sem nunca ter aprendido. Foi tropeço em cima de tropeço, mas, enfim, sobrevivemos.

A tecnologia nos aproximou de nossos alunos por meio das telas, promovendo afeto e vínculo, ainda que de maneira virtual. São tempos difíceis, mas precisamos passar uma mensagem de tranquilidade e contribuir para a saúde emocional de todos.



Simone Diogo Sette

Equipe escolar de Poços de Caldas (MG)

Junho/2021

Em decorrência da pandemia, que acarretou inúmeras mudanças no nosso dia a dia, principalmente para nós, educadores, a maneira de ensinar e receber retorno de nossos alunos ficou mais difícil, principalmente pelo meio tecnológico, pois muitos de nós não dominávamos esses recursos. Por conta disso, a insegurança tomou conta.

Tivemos de inovar e buscar novas ferramentas, reaprender e criar modos diferentes de transferir o conhecimento necessário para a formação dos nossos alunos.

É cada vez mais difícil, por meio tecnológico, ter certeza de que o aluno está ouvindo e entendendo o que estamos ensinando, ou até mesmo debater sobre o tema proposto.



Arlena Moraes

Equipe escolar de Juruti (PA)

Junho/2021

Logo nos primeiros encontros do Programa Ecoa Formação, pude observar que temos as mesmas necessidades como professoras: trabalhar a Língua Portuguesa, em tempos de pandemia, não está sendo fácil. Onde o celular e a internet ainda não são para todos, particularmente, faço o que posso: gravo videoaula orientando os pais para que o aluno leia algo em sua residência. Mas os resultados são muito poucos. A interação por meio virtual com os pais e alunos é muito lenta. De cada aula que posto no grupo de *WhatsApp*, poucos respondem. Mas é assim mesmo, tudo ainda é muito novo.



Clarice Stano Casalinho

Equipe escolar de Poços de Caldas (MG)

Setembro/2021

A vida é um caminho longo, onde você é mestre e aluno; algumas vezes você ensina e todos os dias você aprende.

(Edna Frigato)

Hoje, à espera de minha aposentadoria, há mais de dezoito anos do trintenário recebido do estado de Minas Gerais pelo tempo dentro de uma sala de alfabetização, olho e vejo-me professora eventual.

Cada dia em uma sala diferente, quantas situações novas e, ao mesmo tempo, velhas, experimento com outro olhar: aulas presenciais nos 4o e 5o anos, ao mesmo tempo com aulas *on-line*, paralelamente às aulas de reforço para alunos de 5o ano com dificuldades em Matemática (lugar onde aprendo, por exemplo, subtração de um modo diferente e muito mais).

Estou sentindo-me agraciada por verificar que, apesar de ver em cada sala, em cada caderno, as dificuldades dos alunos no período pandêmico se intensificaram, os estudos e as discussões promovidas nas formações me permitem intervir e mediar o processo de aprendizagem dos alunos, tanto em sala de aula, de forma presencial, quanto *on-line*. Tenho ampliado meus conhecimentos e saberes com práticas pedagógicas inovadoras, além dos cursos dos quais tenho participado, recebendo e compartilhando saberes e também aprendendo novas alternativas pedagógicas dentro de um “novo normal” na pandemia de Covid-19.



Cássia Regina Miranda de Carvalho

Equipe escolar de São Luís (MA)

Junho/2021

Ensinar a ler e escrever: o que tenho a ver com isso?

Podemos começar perguntando para responder ao questionamento anterior: qual é a função social do professor? Será que, como professor, posso me distanciar da responsabilidade de cumprir uma das funções sociais mais importantes que acontecem dentro da escola? A leitura e a escrita são ações não naturais que devem ser desenvolvidas no aprendiz (aluno).

A profissão de professor, hoje, vive em crise, pois no seu espaço, que é a escola, esse profissional não pode estar e os alunos também não (devido à pandemia). O professor se tornou aprendiz no uso da tecnologia, com a finalidade de cumprir a sua principal função social, que é desenvolver ambas as habilidades: ler e escrever. O espaço virtual ainda é um terreno a ser explorado pelo professor e acredito que para o aluno também. Para alguns, pelo menos, talvez não seja tão difícil.

Porém, cabe ao professor dar conta de se desenvolver e reconhecer que tem tudo a ver com isso, com o ensinar a ler e a escrever. Entretanto, não é responsabilidade total do professor, pois são muitas facetas e atores nesse processo, além do ator principal que é o aluno.

No processo de leitura e escrita, o professor, o aprendiz, os pais ou responsáveis e o sistema educacional, cada um tem a sua parcela de responsabilidade com o ensinar a ler e escrever. Portanto, compete a cada parcela destacada anteriormente fazer valer e se comprometer nessa tão importante missão: a de fazer o aluno se apropriar não somente do ato de decodificar, mas ler e escrever, com compreensão, sendo capaz de dizer a palavra pensada por meio da escrita.



Olgarina Pinheiro Bruce

Equipe da Secretaria de Educação de Juruti (PA)

Dezembro/2021

Iniciei minha carreira na área da Educação em 2005, como professora auxiliar em uma turma de Alfabetização na Escola de Educação Infantil Alegria.

Desde criança, sempre tive vontade de ser professora e, quando me deparei com a realidade da sala de aula, essa vontade aumentou ainda mais. No ano seguinte, a gestão da escola colocou, sob minha responsabilidade, uma turma de crianças com 5 anos de idade. Foi quando deixei de ser professora auxiliar e passei a ser titular. A cada ano que passava, conquistava as crianças, as famílias e a gestão da escola. Sempre que conversavam comigo, tanto em público, por meio de reunião, ou em particular, elogiavam meu trabalho e pediam que eu procurasse melhorar o que era preciso.

Trabalhei com crianças nessa faixa etária durante 13 anos nessa escola. Nesse período, também trabalhei na Escola Rosa de Sarom, no contraturno. Ressalto que minha passagem nessa escola foi um celeiro de aprendizagens, pois pude compartilhar outras vivências, tanto com gestores como com professores e, mais ainda, com outras crianças, as quais residiam em outros bairros mais afastados. Foi um tempo de muito crescimento profissional.

Em 2019, fui desafiada, mais uma vez, pela gestão da escola, que me convidou a ser coordenadora pedagógica dessa unidade de ensino. Assim, fui coordenadora durante 2019 e 2020, tendo sido 2020 um ano bastante desafiador por conta da pandemia de Covid-19. Mas, mesmo com grandes desafios, consegui fazer um trabalho pedagógico bastante proveitoso com os professores, as crianças e a gestão escolar.

Em 2021, fui desafiada, mais uma vez, pela equipe da Secretaria de Educação, quando me convidaram para ser coordenadora de Educação Infantil do município. Confesso senti um frio na barriga e a sensação de “será que sou capaz?”. Pensei vários dias e, como sou cristã, pedi a direção de Deus e, num certo dia, me ligaram da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) para eu assinar meu contrato como coordenadora. Fui até lá um pouco insegura, mas

aceitei o desafio e hoje estou nessa secretaria, onde, como coordenadora, tenho o papel de orientar os coordenadores pedagógicos e gestores das mais de 100 escolas desse município.

Não é fácil coordenar muitas escolas, os desafios são diversos, mas as conquistas em relação ao nosso aprendizado profissional são maiores. Tenho aprendido muito com todos os meus colegas da Semed e aprendido mais ainda com cada coordenador com quem converso, oriento e ouço no cotidiano. Ouvir seus anseios, suas dúvidas, suas conquistas e suas dificuldades me faz refletir sobre muitas coisas: uma delas é saber que temos muitos educadores que, assim como eu, sonham com uma educação de qualidade para todos, independentemente do lugar em que vivem. É muito gratificante quando os coordenadores (professores) vêm das comunidades mais distantes para serem orientados e sentem-se contemplados com nossas orientações como técnicos da Secretaria de Educação de Juruti.

Portanto, durante esses onze meses em que estou à frente desse trabalho, tenho aprendido bastante em todos os aspectos.

Aproveito aqui para agradecer à equipe do Programa Ecoa Formação. Cada conversa, cada troca de experiência, serviu para melhorar mais nossa carreira como educadores, encorajando-nos a não temer as batalhas quando surgirem.



Goreth Mary de Sousa Rocha

Equipe escolar de Juruti (PA)

Junho/2021

Escolhemos essa profissão abençoada que nos leva a ter várias reflexões, ir em busca de novos conhecimentos e, neste percurso, nos deparamos com esta pergunta: “Ensinar a ler e escrever: o que tenho a ver com isso?”.

Como professora, tenho a responsabilidade de me preparar, de refletir sobre soluções viáveis para que o aluno venha a ter um desenvolvimento na leitura e na escrita. Sabemos que os desafios têm surgido de forma surpreendente, cada geração com suas características e, nestes tempos em que estamos, um gigante tem surgido e lá estamos nós diante dele para derrotá-lo.

Ultimamente, tenho vivido experiências que, no início, pareciam não ter solução! A maioria dos alunos do 5o ano não sabia ler. Por isso, fui buscar orientações com a gestora, a coordenadora e os pais. Foi uma união que resultou numa reviravolta! Os alunos, no final do ano, conseguiram ler.

A união é indispensável para um resultado positivo.

A aquisição da leitura vai muito além da decodificação dos símbolos, é a capacidade de ler o mundo e tudo o que nos cerca, é saber interpretar e ao mesmo tempo desenvolver o raciocínio e o senso crítico sobre as situações cotidianas.

[...] Sabemos que ler faz parte da cultura do indivíduo. [...] É nesse momento em que as crianças em fase de alfabetização precisam se despertar para a leitura, que me sinto angustiada por tentar e não conseguir atingir a todos.

Liliane Maria Rocha Alves

Equipe Escolar, Poços de Caldas (MG) - Junho/2021

O gosto pela leitura deve ser despertado e cabe ao educador fazer com que isso ocorra dentro do ambiente escolar, pois a formação do leitor é uma tarefa primordial da escola e requer que o professor facilite este processo de ensino e aprendizagem. [...] um professor-leitor aumenta a oportunidade de motivar seus alunos a também serem bons leitores, visto a importância do papel do professor diante dos seus alunos e o compromisso social que o profissional da educação tem em suas mãos.

Cláudia Aparecida Dias do Prado

Equipe Escolar, São Luís (MA) - Junho/2021

Ele foi o aluno mais desafiador para mim, por ser surdo, e, na época, não contávamos com os recursos pedagógicos, tão disponíveis e acessíveis nos dias de hoje [...]. Hoje, quando me vê na rua, me cumprimenta, sem os gestos da Língua de Sinais. Não sei se mudou de ideia em relação a aprender esta outra forma de linguagem, mas fico muito orgulhosa e emocionada de ver que está bem e feliz, pois acho que tem um “cadinho meu” neste processo da aprendizagem.

Débora Cristina Assenço Foretti

Equipe da Secretaria de Educação, Poços de Caldas (MG) - Junho/2021

Como educadora apaixonada pela alfabetização, percebi que alguns alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I não estavam lendo. Fiquei muito preocupada e algumas noites sem dormir, pensando nesses alunos. Convidei a Supervisora Maristela da SEME, para juntas, fazermos um apoio pedagógico, no contra turno, com diferentes propostas, utilizando materiais diversificados. Conseguimos, com muito compromisso e dedicação, atingir nosso propósito e os alunos se sentiram valorizados, mais felizes e motivados, estavam lendo e escrevendo.

Célia Christina Silva Ferreira

Equipe da Secretaria de Educação, Poços de Caldas (MG) - Julho/2021

[...] a estrutura semântica da palavra interiormente persuasiva não é terminada, permanece aberta, é capaz de revelar sempre todas as novas possibilidades semânticas em cada um de seus novos contextos dialogizados. (...) Nós a introduzimos em novos contextos, a aplicamos a um novo material, nós a colocamos numa nova posição, a fim de obter dela novas respostas, novos esclarecimentos sobre o seu sentido e novas palavras “para nós” (uma vez que a palavra produtiva do outro engendra dialogicamente em resposta uma nova palavra nossa).

(BAKHTIN, 1983).

POR QUE A PALAVRA QUE CIRCULA ENSINA E NOS PROCESSOS FORMATIVOS, APRENDEMOS UNS COM OS OUTROS...

O prazer de descobrir o mundo através da leitura e da escrita não pode ser somente meu, tenho a missão de despertar no outro e possibilitar que ele seja estimulador e propagador dessa “graça”.

Fabiana de Oliveira Gomes Assis

Equipe da Secretaria de Educação, Poços de Caldas (MG) - Junho/2021

Aprender de forma leve e divertida é motivação para o mestre e incentivo para os discípulos. Não tem idade certa para se ouvir uma história, um conto, uma poesia, etc. Quanto mais cedo se inicia essa prática, mais rápido esse sujeito se torna um ser pensante, criativo, comunicativo e crítico.

Andréa Fernanda Alcântara Claudiano

Equipe Escolar, Poços de Caldas (MG) - Junho/2021

[...] juntos, construiremos um universo de possibilidades, estratégias e instrumentos que permitirão auxiliar os alunos em seu protagonismo na construção de saberes que lhes serão úteis, no processo significativo da aprendizagem, para modificar seu espaço de atuação.

Elayne Brito

Equipe Escolar, São Luís (MA) - Junho/2021

O processo de construção da linguagem é importante dar oportunidade aos sujeitos, acreditar que cada um, a partir das suas experiências, é capaz de aprender.

Magda Márcia Mafra Serejo

Equipe da Secretaria de Educação, São Luís (MA) - Maio/2021

Todo professor alfabetizador sabe que ensinar a ler e escrever, nos dias de hoje, envolve muitos obstáculos e desafios, [...] o professor alfabetizador deve ser um constante pesquisador, ter clareza do currículo, compreendendo o que os alunos devem aprender e compreender a avaliação como processo essencial na aprendizagem dos alunos.

Ana Lúcia Leal Xavier

Equipe da Secretaria de Educação, Poços de Caldas (MG) - Julho/2021

Ensinar a ler e escrever [...] É meu problema profissional! Sou professora, tenho o compromisso de educar e formar pessoas, pois o professor tem um papel muito importante na vida do educando, ele é um facilitador na aprendizagem. [...] como professora e cidadã, tenho o compromisso de ensinar uma criança ou qualquer outra pessoa a ler e escrever. A educação é direito e dever de todos!

Euza Aparecida de Novais

Equipe Escolar, Poços de Caldas (MG) - Julho/2021

Retorno às aulas presenciais, um novo recomeço para a educação. Nesse novo período, entendo que o olhar e a escuta para os estudantes se intensificarão. As atividades, cada vez mais, precisarão ser pensadas de modo significativo, leve e útil para a vida dos estudantes. As leituras deleite, trocas, diálogos e a empatia são situações que precisarão ser cada vez mais amplas nos contextos da escola.

Débora Rita da Silva

Equipe da Secretaria de Educação, Poços de Caldas (MG) - Julho/2021

Eu me recordo um pouco do tempo que eu estava na alfabetização. Era bem danadinho na sala de aula: sinceramente, dei muito trabalho para minha professora nesse tempo. Sinto saudades dos momentos de atividades que eram de fundamental importância para mim: das leituras que fazia no livro, das brincadeiras, dos conselhos que nossa professora nos dava naquela época.

Fabício Félix dos Santos

Equipe da Secretaria de Educação, Juruti (PA) - Junho/2021

No contexto educacional, somos espelhos para nossos alunos, por isso, muitas vezes, precisamos ser o exemplo que eles não possuem dentro do meio familiar. Precisamos acolher os nossos alunos da melhor forma possível, pensando sempre na sua singularidade.

Raquel de Souza Franco

Equipe Escolar, Poços de Caldas (MG) - Julho/2021

POSFÁCIO

Esta seção apresenta produções de leitores convidados que dialogam com os relatos docentes que compõem esta coletânea.

A primeira foi escrita pela Profa. Dra. Liana Arrais Serodio, professora-colaboradora do mestrado profissional em Educação Escolar da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É bacharel em Música pela Unicamp, mestre em Educação pela PUC-Campinas e doutora em Educação pela Unicamp. Também é do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (Gepec).

A segunda foi escrita pelo Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado, livre-docente da Faculdade de Educação da Unicamp e coordenador do Gepec. Graduado em Pedagogia, mestre em Metodologia de Ensino e doutor em Linguística Aplicada _ Ensino e Aprendizagem de Língua Materna pela Unicamp. Realizou estágio pós-doutoral pelo Departamento de Didática e Tecnologia Educativa da Universidade de Aveiro (Portugal).

Juntos, eles assinam o terceiro texto que abre diálogos com referenciais teóricos trazidos e conectados aos relatos e às experiências retratadas pelas participantes.

TRÊS CARTAS PARA AS NARRADORAS

Liana Arrais Serodio

Congratulo a iniciativa do Programa Ecoa Formação de convidar as participantes a narrarem suas histórias de formação. As histórias mostram professoras fortes e decididas a pensarem a própria formação e, assim, pensar na educação dos outros.

Foi pesquisando, estudando, ensinando, escrevendo narrativas e conversando que pudemos encontrar as bases para reconhecer, valorizar e compreender coisas como algumas narrativas trazem, que qualquer compreensão que foi ou virá a ser reconhecimento, experiência, sabedoria e até técnica é sempre a vivência de um eu com outro, por meio da expressão. Assim, mesmo a professora que se sente “sozinha com seus estudantes” aprende a ensinar de modo que os conhecimentos sejam relevantes para eles durante o expressar-se.

Poderia ser pelo simples motivo de que é insuportável, como humanos, espécie social que fala, não sermos compreendidos. Como profissionais especialistas em ensinar, essa condição nos faz buscar, teoricamente, outras vozes que os ajudem a trazer para si e para os estudantes a compreensão, o conhecimento desejado em alguma dimensão.

Querer para o outro o que sente falta em si. Pode-se dizer que quando há empatia e amorosidade, a professora ouve o estudante e responde a ele com não indiferença ao que ele diz. Ensinar é isso. Nada simples. E simples assim. As respostas que esperam não são atendidas, pois as perguntas que fazem são entendidas de maneiras diversas. Mas a base do ensino sendo amorosidade, não indiferença, escuta que responde, a resposta pode antecipar uma pergunta não formulada que responde à pergunta não compreendida. É confuso porque não é uma fórmula: $A = A$. O “A” é igual a “B” para uns ou a “C” ou “D” para outros.

Isso é uma coisa que muitas narrativas ensinam em suas singularidades e ao compartilharem com suas colegas de formação nos presenteiam. Às vezes, ainda durante os momentos em que se escreve.

Outro ponto que me chamou atenção, logo na primeira coleção de narrativas, é o aprender/compreender como um ato singular de cada um. O ato intencional da professora busca jeitos, mas, principalmente, dá a sua palavra, seu olhar, sua resposta, seu valor naquele momento do encontro, naquela relação em forma daquela resposta sua singularmente ouvida pela outra.

Foi assim que pensei ao ler, emocionada, as narrativas contando como foi o aprendizado da leitura e escrita. Sabemos que quem narra se tornou profissional da educação, se formou educadora. Quem descobre e compartilha que há diversas metodologias de ensino (de alfabetização) e nem todas ajudam qualquer estudante (a se alfabetizar) pode estar enunciando uma das poucas verdades universais da pedagogia, mas que nos dá estabilidade suficiente para pesquisar em um terreno tão em movimento, como é o das Ciências Humanas, se tivermos atenção mais para as Humanas do que para as Ciências, por assim dizer.

Quem aprende/compreende nem sempre, mesmo sendo profissional/especialista em ensino, está totalmente consciente do como. Como algumas atividades propostas/vividas viraram vivência e compreensão, mesmo vindo de práticas banais, e outras por vezes foram pormenorizadamente tratadas? As narrativas vêm possibilitar a materialização (dar forma) ao que tocou quem participou (ética-cognitivamente) do acontecimento e a conscientização e a possível e posterior sistematização, aprofundamento dos sentidos, caso a caso.

O mesmo convite e tantas portas se abrem! As formas das respostas únicas em cada porta aberta – que a ciência moderna tenta catalogar, classificar e juntar sob uma mesma insígnia para se livrar das singularidades – nos colocam aos pés deste atordoante mistério: o ato de ensinar de forma que o outro perceba como aprendeu.

Nas relações humanas, a maioria das verdades se torna verdade só quando os mundos de cada indivíduo se encontram nas pupilas dos olhos dos outros: é na relação de um com o outro, no tempo, no espaço e com os valores de cada um, que verdades particulares são produzidas, sempre instaladas nas verdades universais, por poucas que sejam.

Cada estudante tem uma leitura de si e da professora para escrever o que vê do que a professora lhe disse que ali está e do que é para fazer, de modo que aprenda/se alfabetize! Qual o quê? Quando se escreve, o que se vê é o mundo apresentado pela professora, aquele das pupilas dela, fazendo sentidos com as dele. Sentidos que ajudam ou não a alfabetização das letras, mas com certeza na alfabetização de mundo.

Talvez seja mais este o mote das minhas leituras das narrativas: a descoberta da singular capacidade de leitura, portanto da singular escritura das vidas. Mas que dá certa constância à visão refletida nas pupilas de um e do outro. Ler as narrativas e procurar ver as singularidades e também as constâncias, eis um bom desafio.

Os métodos de ensino das pessoas que não são profissionais (a criança que se torna ensinante da colega, a mãe que ensina as primeiras letras, as lideranças que formam a professora etc.) indicam que há quem ainda apanhe, tome cascudos, leve reguadas físicas ou verbais para aprender a “letra g”! Por outro lado, há quem sinta como pecados cometidos ensinar com “o” melhor método, quando descobre que cada um aprende (e ensina) de um modo singular, único, irrepetível.

Narrar faz olhar para os passos dados anteriormente e ver se e qual mudança de rumo foi feita e encontrar caminhos que possibilitem alfabetizar para ler as letras e, nelas, o mundo. Às vezes, não diretamente, na resposta, no próximo travessão que nos acostumamos a ver nos textos escritos. A consciência do diálogo para além do direto, depois da leitura, que continua indiretamente produzindo novos sentidos e na relação com outros acontecimentos narráveis em sentidos para o mundo: até uma criança de 7 anos pode saber e ensinar mais do que a professora, até sendo o “retido”, o “atrasado”, cuja “rendição” da professora tornou o “desejado” da escola!

Eu penso que, levando em conta a proposta de olhar as narrativas pensando na tomada de consciência de aprender a aprender, aquilo que não provocou sofrimento pela dificuldade nem encantamento pela descoberta não criou mistérios nem fascinação, ficaria invisível, sem matéria para estudo. Claro, ficaria marcada nas pregas de memória, no corpo e na borda de outros signos. Mas a dificuldade de quem a tem não seria dimensionada como sofrimento de uma criança que depois se tornou professora, talvez uma criança que, por não se alfabetizar, fosse condenada aos trabalhos dados aos “descartados” do sistema.

A lição mais importante de todas, no entanto, foi da exposição narrativa de professoras que, assim, mostram que não sabemos tudo e tudo o que sabemos nem sempre nos faz saber mais do que queremos saber ou do que sabíamos antes, mas continuamos querendo saber. As narrativas ajudam a ver que não há “o” método, “a” teoria, “a” história modelo. Há que se valorizar a singularidade com que cada um se relaciona com o outro, sua não indiferença enformada amorosamente.

Guilherme do Val Toledo Prado

Escrever um posfácio, em diálogo com os autores, é um grande presente! Que ideia boa! E com isso, poder exercitar um modo de contar, em diálogo com você e com as tantas outras e tantos outros, presente nas narrativas objetivadas nesta grande coletânea por elas estimuladas nas ações de formação que realizam em três diferentes regiões do Brasil.

As ações de formação do Programa Ecoa colocaram em movimento e geraram em cada uma das narradoras aqui presentes uma forte experimentação com a narrativa – algumas embrionárias, outras mais desenvolvidas –, em que as histórias de cada pessoa deram, pelo menos para mim, uma dimensão do quanto os processos educativos escolares são marcantes em nossas histórias pessoais e quanto orientam nossas histórias profissionais como educadores e educadoras no contexto escolar.

Cada história singular, de cada uma das narradoras, apresenta, mesmo que situadas em diferentes lugares e em diferentes tempos, algumas coisas comuns, que, de certo modo, estão constituídas na escola, por meio de suas relações sociais mais amplas, em um contexto capitalista, com forte marca das ações mercantis, principalmente na atualidade. O que não posso desconsiderar é quão forte é a palavra de cada pessoa, cada sujeito, na relação estabelecida com os outros que os cercam, que, nesse caso, são estudantes de diferentes classes sociais, de diferentes localidades e regiões brasileiras, em diferentes tempos e condições escolares, de acordo com o sistema de ensino no qual estão inseridos.

Cada palavra proferida, de certo modo, mostra não só o limite da cultura local e das condições materiais e imateriais em que cada narradora está implicada, mas também oferece indícios de sentidos outros, que nosso lugar teórico-prático, às vezes, não consegue alcançar nem compreender.

Com certeza, as narrativas em suas singularidades, e cada narradora, em particular, no diálogo com suas comunidades, por assim dizer, também

narradoras oferecem, com suas narrativas, um lugar e um tempo de sentidos outros no âmbito educacional que nos presenteiam, enquanto nós, seus leitores, uma peculiar oportunidade de compreensão não alcançada, mesmo com toda a bagagem narrativa que temos construído.

As narrativas que li mostram a força das condições materiais a construir modos únicos de expressar as muitas dificuldades e múltiplas conquistas no ato de ensinar meninos e meninas no cotidiano das escolas. Cada palavra proferida manifesta um complexo conjunto de relações formativas, em que referências teóricas e práticas no campo educacional se associam a referências experienciais construídas no cotidiano do trabalho educativo, no diálogo com outras professoras. Chamou-me atenção também os diferentes modos como cada professora optou por expressar essa complexidade de conhecimentos e saberes: uma foi narrando uma situação de aprendizado com as leituras propostas, outra foi expressando, em forma poética, sua compreensão dos processos formativos propostos e coletivamente refletidos, outra foi fazendo uma lista de enunciados relativos ao aprender e, assim, cada narradora, de modo único, singular e particular, construiu modos de dizer que, no coletivo acolhedor construído pela equipe de formadores do Cenpec, favoreceu a emergência de inúmeros modos de dizer sobre como se formaram professoras.

Cada uma das narradoras, ao exercitar sua escritura na escritura coletiva oportunizada pelo Programa Ecoa, gerou em cada um – e nos leitores desta obra – uma possibilidade interpretativa única, singular e particular.

Como escreveu Liana Serodio: “Há que se valorizar a singularidade com que cada uma se relaciona com o outro, sua não indiferença enformada amorosamente”. Não indiferença e amorosidade que cada uma exercitou na escritura de sua narrativa e na oferta dela para compor essa coletânea.

Guilherme do Val Toledo Prado Liana Arrais Serodio

Queridas narradoras, não vai ser fácil escrever algo para você que possa expressar as inúmeras reflexões construídas após termos passeado pelas paisagens e cenas construídas nas narrativas presentes nesta coletânea, bem como as intensas viagens temporoespaciais também vividas nesse período de leitura por nós realizado.

Talvez uma forte questão que emergja quando enfatizamos o ato singular de cada um e o ato intencional de quem ensina seja uma reflexão que mereça esmiuçar. Sabemos que em educação, e nela, todos os envolvidos somos ensinantes e aprendentes, ao mesmo tempo, não é mesmo?! Muitas narradoras comentaram sobre essa “concomitância”. Em outras áreas, como nas engenharias, o objeto pode ser outro, pode ser fazer uma viga com cimento de uma outra qualidade com mais ou menos quantia de ferro ou mesmo cimento. Haverá lá, nesse campo, provavelmente uma professora a ensinar o que é mais viável, tecnicamente, para que o objeto seja construído em melhores condições. Mas, na educação, como tão bem já nos ensinou Paulo Freire, ensinantes-aprendentes ensinam-aprendem a ensinar-aprender.

Por isso, é importante reiterar, e não podemos nos deixar enganar, e procurar nos lembrar, quase que diariamente, de que o objeto do ensino – seu tema central – não é o conteúdo – que faz parte das ações de ensinar-aprender – mas é um outro sujeito. O objeto, não sendo objeto, mas sujeito, quem ensina precisa aprender como se relacionar com ele. O conteúdo é um dos motivos de estarmos juntos com os estudantes nas escolas, como a festa de aniversário é o motivo de estarmos juntos com o aniversariante e outros convidados na sua casa ou nas telas do computador, como o assunto desta carta é o motivo de estarmos juntos neste texto e eternamente em um livro.

“Ah, mas isso varia muito. Por mais que eu queira, sinto ser impossível levar em conta cada diversidade em cada singularidade!”

Concordamos! Essa impossibilidade – possível não?! – é a riqueza da

nossa humanidade! É isso que nos faz buscar sempre – afinal, não somos só professoras, somos também educadoras.

Mesmo quando dizemos que desistimos, a desistência é já uma resposta ao que sentimos e deveria então nos ajudar a pensar que estamos no caminho, para resistirmos e re-existirmos!

Uma coisa vale dizer em voz alta: nós já o fazemos! Vocês o fazem, sim! Leiam as narrativas das colegas. Releiam as próprias! Nelas estão registradas as resistências e re-existências vividas e experienciadas de cada uma...

Os conhecimentos que puderam produzir ao escolherem um modo ou outro de narrar, pelo valor que tinha para vocês mostrar um ou outro ângulo do vivido, da melhor maneira possível naquele momento da escrita – que foi, para algumas, um vai e vem, coloca uma palavra aqui, tira a outra de lá, e, para outras, foi de bate-pronto e de repente se lembrando de algo mais significativo ainda... – provavelmente não foi a manipulação de um conhecimento intencional. Foi resultado de uma compreensão profundamente dialógica, em diálogo não só com os estudantes ou outras colegas, mas com um vasto campo de conhecimento que chamamos de educacional. Portanto, uma narrativa que revela um potente processo de produção de conhecimentos e saberes escolares e educacionais! Bakhtin propõe uma heterociência na busca de compreender o acontecimento vivido com os estudantes no lugar de buscar classificá-los por categorias criadas por meio do que algum pesquisador julgou ser “o” melhor método, com rigor e exatidão, para que fossem classificados. A narrativa como forma de materializar momentos de valor para quem narra tem esse papel heterocientífico, de produção de um conhecimento singular em diálogo com conhecimentos plurais, das várias áreas que dialogam com a educação.

Provocados por um conhecimento especializado, planejado, de uma proposta de formação que, com consciência tanto psicológica quanto sociológica, histórica, linguística, de que (entre outros conhecimentos) (1) “os enunciados são as unidades reais do fluxo da linguagem”, como Volóchinov (2017, p. 221) diz em seu estudo dos “Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem” e que (2) esse fluxo só se dá como valor, na vida de quem constitui mesmo os próprios enunciados, no caso, as narrativas, em um meio cultural de atividade social. “O enunciado em sua totalidade se realiza apenas no fluxo da comunicação discursiva. A totalidade é determinada pelas fronteiras que se encontram na linha de contato desse enunciado com o meio extraverbal e verbal (isto é, com outros enunciados)” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 221).

Assim, com um ato responsável, intencional e também técnico, a equipe do Cenpec proporcionou essa atividade nos encontros sistematizada e materializada neste livro e nos deu mais um elo na corrente dos signos que inventamos para dizer tudo o que nos vai pela alma, que ganhamos nas pupilas do olhar dos bebês, das crianças, jovens e adultos, ensinantes-aprendentes, para quem nos esforçamos, às vezes desistimos para nos darmos conta de que já estamos resistindo e re-existindo para evitar o amortecimento das almas em uma relação educacional que se mostra com diferentes sotaques, com o peso de diferentes condições escolares e sistemas de ensino, na palavra de cada sujeito.

Esperamos ter feito justiça com as tantas narrativas presentes nesta coletânea, para que também os nossos conhecimentos e saberes possam ser partilhados e valorizados nas partilhas das leituras – e das possíveis escrituras que delas emergem –, compondo outros conhecimentos e saberes educacionais que valorizam a vida, os conhecimentos e saberes de cada sujeito em particular e de todos os sujeitos que participam dos processos educacionais escolares.

CARTA DAS FORMADORAS

Adriana Stella Pierini
Heloísa Helena Dias Martins Proença

E, então, era um tempo de antes.

E, então, um programa existia.

E, então, um início de conversa era necessário pra definir rumos. Numa área tão ampla como a educação, em terreno permeado de percalços e com infinitas possibilidades, alguma trilha haveria de ser construída.

Nós, duas mulheres, professoras, passeávamos por lugares outros, ora comuns, ora nem tanto e, nesse programa, no tempo de antes nos reencontramos. Cada qual trazia na mochila bagagem diferente, construída em escola, tecida em vida.

Não sabíamos muito sobre os obstáculos, nem tampouco sobre o que encontraríamos na caminhada. Mas uma certeza era compartilhada: iríamos juntas.

O para que e o porquê do tal caminho se acenavam, o como aparecia, timidamente incerto, porém uma teimosia despontou desde sempre: iríamos com.

Primeiro encontro em distância trouxe o desafio de aproximar. Das telas daqui, víamos reunidas mulheres outras, professoras que traziam consigo a responsabilidade de pensar, planejar, desenvolver o ensino para a aprendizagem de estudantes do município de Juruti (PA), Poços de Caldas (MG) e São Luís (MA).

Alguma timidez e relativa insegurança pelos tempos incertos foram cedendo lugar à participação atenta, à disposição para o diálogo, à exposição para a reconstrução permanente da própria formação profissional. Acolhimento e interesse foram características marcantes que delinearão esses grupos de profissionais com os quais tivemos desde sempre o prazer e a responsabilidade de atuar.

Porque acreditamos na equipolência de saberes e porque defendemos que nós nos formamos na relação com o outro é que buscamos jeitos para que os conhecimentos circulassem em prosa, fazendo e nos fazendo refletir sobre nosso lugar.

Durante o percurso, houve momentos em que nossas certezas desequilibraram, mas, em muitos outros, pudemos construir, juntas, provisoriidades partilhadas e isso nos sustentou no caminhar.

Lemos e ouvimos histórias, assistimos a filmes, ouvimos canções, exercitamos a escrita, afirmando nossa autoria. Resgatamos memórias, ressignificando nosso presente, encontramos com autoras outras e, em alteridade, revisitamos saberes e conhecimentos construídos em tempos outros, para refletir sobre os desafios do presente, a crise a que fomos submetidas e a necessidade de nos reinventarmos, sempre reconhecendo nosso inacabamento.

Reafirmamos nosso compromisso para, em colaboração e parceria, repensar constantemente nosso papel na formação dos estudantes na escola.

Reconhecemos que ainda há muitas tessituras necessárias e que a aprendizagem da língua materna necessita de amplitudes para além das reflexões nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Enfim, agradecemos porque temos muito a agradecer: fomos acolhidas com respeito e responsabilidade, tecemos diálogos, vislumbramos possibilidades. Desejamos que nossa trajetória ainda possa ter continuidade em tempos outros.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos que estiveram conosco durante o processo de construção desta publicação. Em especial, às professoras que compartilharam suas experiências de vida e profissional.

Agradecemos, também, aos nossos leitores convidados, Professora Ana Maria Falcão de Aragão, Guilherme do Val Toledo Prado e Liana Arrais Serodio, que, gentilmente, produziram artigos que compõem esta publicação.

Dividimos com as formadoras Adriana Pierini e Heloisa Proença a satisfação da tarefa cumprida: divulgar os relatos das docentes com o objetivo de reafirmar a máxima de Freire, para quem:

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro da tarde. Ninguém nasce educador ou é marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática (FREIRE, 1991, p. 58).

Assim, registramos nossos agradecimentos às educadoras:

Alcione Alves dos Reis, Aline Quirino Pereira, Ana de Cássia Santos Silva, Ana Cintia Pereira da Silva, Ana Cristina Aquino Simionato, Ana Jakelline Silva Marques, Ana Lúcia Leal Xavier, Ana Martinha Pinheiro, Andréa Batista Silva, Andréa Fernanda Alcântara Claudiano, Arlena Moraes, Cássia Regina Miranda de Carvalho, Célia Christina Silva Ferreira, Célia Regina Alves Dias dos Santos, Clarice Stano Casalinho, Cláudia Aparecida Braga de Oliveira, Cláudia Aparecida Dias do Prado, Débora Cristina A. Foretti, Débora Rita da Silva, Elaine Cristina Gimenes, Elayne Brito, Edileide Santos Lima, Eliana Junqueira, Elizete Nogueira Felizardo, Euza Aparecida de Novais, Fabiana Alves, Fabiana de Oliveira Gomes Assis, Fabíola Cláudia Moreira Medeiros, Fabrício Félix dos Santos, Fernanda Maria da Serra Costa, Fernanda Monteiro Leão, Gessi de

Brito Santarém, Gilcilene de Jesus Cordeiro Lindoso, Gislene Costa Albino Barbosa, Goreth Mary de Sousa Rocha, Ilma das Neves, Isabel Cristina da Silva Nascimento, Ivanilde Pereira de Sousa Silva, Janaina Cunha Borges Felicio, Juniangela Lopes de Lima, Katharine Caires Moucherek, Kátia Cilene Amorim Gomes, Liliâne Maria Rocha Alves, Lúcia Fernanda Sousa, Luziane Rodrigues Araújo, Magda Márcia Mafra Serejo, Márcia Nívia Nery da Silva, Marcos dos Santos Souza, Maria Angélica Aparecida do Carmo, Maria Antonia Rosa, Mauriane Santos Ferreira Costa, Modestina Cardoso, Olgarina Pinheiro Bruce, Patrícia das Graças Zanetti Carvalho, Patricia de Paula Dias, Raquel de Souza Franco, Rayssa Bianca Correa Macedo Pacheco, Regiana Froz Campos, Rosa Maria Martins Alves, Rosilene de Jesus Santos Ferreira, Ruth-Ane do Nascimento Oliveira, Ryvanna Gomes Abreu, Sandra Tavares, Silvana Reges Galvão Martins, Silvana Régia Bittencourt Silva, Silvia Garcia Gimenes Taconi, Sílvia de Pádua Maia Junqueira, Simone Diogo Sette, Solange Sousa Araújo de Oliveira, Suziane Regina Cunha de Moura, Suzianne Guimarães, Thaís Cravo Villas Bôas, Verônica de Cássia Dias, Vitória Raquel Pereira de Souza, Wander Lúcia Silva de Castro e Wanessa de Paula de Oliveira Ribeiro.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. *Poesias completas*. Livros de contos. São Paulo: Martins Fontes, 1966. p. 29 e 383.

ARAGÃO, A. M. F., *Reflexividade: o princípio da indissociação entre teoria-prática encarnado na formação de professores*. Curitiba: Appris, 2022 (no prelo).

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. 3a ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1983.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BECK, C. *Método Paulo Freire de alfabetização*. Andragogia Brasil, 2016. Disponível em: <https://andragogiabrasil.com.br/metodo-paulo-freire-de-alfabetizacao/>

CANDAU, J. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

CENPEC. *Paralisação de aulas afeta estados e municípios*. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/noticias/paralisacao-de-aulas-nas-redes-publicas-afeta-todos-os-estados-e-91-por-cento-dos-municipios>. Acesso em: 7 abr. 2020.

EVTUCHENKO, E. *Autobiografia precoce*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *A psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, P. *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1989.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. *Partir da infância: diálogos sobre Educação*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

FRIGATO, E. *Mensagens de reflexão sobre a vida*. Disponível em: mensagensreflexão.com.br/caminho-longo. Acesso em: 25 set 2021.

GENTILE, P. Antonio Nóvoa: professor se forma na escola. *Nova Escola*, 10 maio 2001. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/179/entrevista-formacao-antonio-novoa>. Acesso em: 9 jul 2021.

KOSHINO, I. L. Á.; MARTINS, J. B. *Questões do desenvolvimento infantil em Vygotsky e seus desdobramentos para educação*. Curitiba: X Congresso Nacional de Educação, 2011.

LIB NEO, J. C. O campo teórico-investigativo e profissional da didática e a formação de professores. In: SUANNO, M. V. R.; RAJADELL PUIGGROS, N. (org.). *Didática e formação de professores: perspectivas e inovações*. 1. ed. Goiânia: PUC Goiás/América, 2012.

MEDRADO, T.; JUSTO, E. Olúségún Akínríli. *Blog do Professor*. Disponível em: <https://www.professortacianomedrado.com/2021/03/homenagem-2103-dia-internacional-de.html>. Acesso em: 25 maio 2021.

OSTETTO, L. E. Observação, registro, documentação: nomear e significar as experiências. In: *Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores*. 5. ed. Campinas: Papirus, 2012. p. 13-32.

PONTES, R. A. F. Os registros reflexivos como prática de autoria pedagógica. In: *V Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"*. São Cristovão, 2011. Disponível em: <http://files.pibid-educacao-do-campo-ufu.webnode.com/200000107-0398f0493b/OS%20REGISTROS%20REFLEXIVOS.pdf>. Acesso em: ago 2021.

SADALLA, A. M. F. A.; AZZI, R. G. Contribuições da afetividade para a educação. In: RIBEIRO DO VALLE, L. E. L. (org.). *Neuropsicologia e aprendizagem*. São Paulo: Robe, 2004. p. 343-354.

SCHÖN, D. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SHULMAN, L. S. Those who understand: knowledge growth in teaching. *Educational Researcher*, v. 15, n. 2, p. 4-14, 1986.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

STAROBINSKI, J. Le style de l'auto-biographie. *Revue Poétique*, Paris, n. 3, p. 257-265, 1970.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Tradução Francisco Pereira. 17. ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2014.

UNESCO. *Covid-19 Educational Disruption and Response*. Disponível em: <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em: 8 abr. 2020.

VOLÓCHINOV, V [1929]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2017.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WEFFORT, M. F. (coord.). *Observação, registro, reflexão – Instrumentos Metodológicos I*. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

ZABALZA, M. A. *Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

AVISO DE PRIVACIDADE

Os dados foram coletados com o consentimento livre e esclarecido das autoras. Caso seja necessário retificação, por favor procure o Cenpec no seguinte endereço: ecoaformacao@cenpec.org.br

